

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA

Gabriel Barbosa de Souza Bergamim

Uma análise sobre os estilos de participação entre meninas e meninos nas aulas
de Educação Física

São Carlos – 2018

Gabriel Barbosa de Souza Bergamim

UMA ANÁLISE SOBRE OS ESTILOS DE PARTICIPAÇÃO ENTRE
MENINAS E MENINOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Monografia em licenciatura em Educação
Física pelo Departamento de Educação Física e
Motricidade Humana – DEFMH da Universidade
Federal de São Carlos – UFSCar.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior

São Carlos – 2018

Resumo

A Educação Física escolar (EF_e) é um ambiente no qual a participação dos alunos nas atividades costuma ocorrer de forma hierarquizada, diferentes maneiras de participar da aula podem ser observadas e algumas relações de poder e protagonismo são estabelecidas, em especial nos jogos desportivos coletivos. Entre os fatores que influenciam tais relações nas aulas estão o nível de habilidade motora do aluno, seu biotipo, a quantidade de colegas de turma com os quais se relaciona e o fato de ser menino ou menina. A literatura científica já aponta que esse último aspecto é um marcador importante. Duas pesquisas foram utilizadas como base para a coleta e análise dos dados dessa pesquisa, uma é recente e a outra foi feita há mais de 30 anos (JACO, 2012; GRIFFIN, 1984; GRIFFIN, 1985). Ambas as pesquisas encontraram categorias que descrevem diferentes maneiras de participar das aulas. O presente estudo foi caracterizado como etnográfico, fazendo o uso da observação participante e da entrevista semiestruturada, teve como objetivo geral verificar quais os estilos de participação que se apresentam em aulas de Educação Física em uma turma de 6º ano. Os resultados apontam que existem diferentes estilos de participação nas aulas de Educação Física com destaques para os estilos: Macho, Lost Soul, Nice Guy, Invisible Player, Protagonista, figurante e flutuante, propostos por Griffin (1984; 1985) e Jaco (2012), bem como os estilos egoísta e distraído, incorporados pela atual pesquisa; e que o professor deve estar atento a situações que podem exercer influência negativa na motivação e no interesse de algum de seus alunos pelas aulas. Os alunos também observam que existem diferentes estilos de participação. Além disso, verificou-se que o sexo do estudante é um dos principais dos diversos fatores que exercem influência sobre a maneira como o mesmo participa da aula e sobre a sua motivação para com a mesma. Concluiu-se que o docente deve estar ciente de que seus alunos têm maneiras diferentes de entender a aula e de se apropriar da mesma, estando disposto a intervir em situações de constrangimento que podem exercer efeito negativo na motivação dos alunos, provocando a reflexão dos mesmos sobre como podem agir pensando em construir um espaço no qual todos se sentem igualmente incluídos e motivados a participar.

Palavras-chave: Educação Física escolar, Participação, Gênero.

Abstract

Scholar Physical education is an environment in which the students' participation use to occur in a hierarchical way, different styles of participation can be observed and some power and protagonism relationships are established, especially in team sports. Between the factors that influence those relationships in classes are the student's motor ability level, their biotype, the amount of class colleagues with which they establish relationships and the student's sex. The scientific literature already points that the last aspect is an important marker. Two researches were used as base to data collection and analysis in current research, one recent and other with more than 30 years (JACO, 2012; GRIFFIN, 1984; GRIFFIN, 1985). Both researches found categories that describe different manners of participating in classes. The current study was characterized as ethnographic, making use of participating observation and the half structured interview; and had as general objective to check which participation styles can be identified in 6th grade Physical Education classes. The results appoint that there are different participation styles in Physical Education classes, especially the styles: Macho, Lost Soul, Nice Guy, Invisible Player, Protagonist, Figurant, Flutuant and excluded, proposed by Griffin (1984; 1985) and Jaco (2012), likewise the styles Egoist and Distracted, incorporated by the current research; and that the teacher must be alert to any situation that can negative influence on student's motivation and interest in classes. It was concluded that the teacher should be aware that their students have different manners of understanding and appropriating the classes, being disposed to intervene on constringing situations that can exercise negative influence on students' motivation, provoking their reflections about how they can act thinking on constructing a space in which everyone can feel equally included and motivated to participate.

Palavras-chave: Scholar Physical Education, Participation, Gender.

Sumário

1. Introdução	67
1.1. Justificativa	78
1.2. Objetivos	78
1.2.1. Objetivo geral	78
1.2.2. Objetivos específicos	78
2. Revisão de literatura.....	89
2.1 Participação e interesse dos alunos nas aulas de Educação Física na escola.....	89
2.2 Gênero e a construção social dos corpos masculinos e femininos.....	104
2.3. Gênero na Educação Física escolar e no esporte	124
2.4. Os padrões de participação em esportes coletivos e as diferentes maneiras de se participar das aulas de Educação Física.....	174
3. Trajetória metodológica	21
3.1. Tipo de pesquisa.....	21
3.2 Local e sujeitos da pesquisa	21
3.3. Instrumentos de coleta de dados.....	21
4. Resultados e discussão	24
4.1 A realidade da escola.....	24
4.2 A Educação Física e a turma observada	25
4.3 Ocorrência de diferentes maneiras/estilos de participar da aula.....	28
4.4. O <i>Bullying</i> como fator de influência na participação e na motivação dos estudantes	38
4.5. Marcadores de gênero presentes nas aulas de Educação Física.....	41
5. Conclusão	49
6. Referências	53
7. Anexos.....	56
7.1. Diário de campo	56
7.2. Respostas dos alunos às perguntas da entrevista	78
8. Apêndice	92
8.1 Termo de Assentimento Livre e Esclarecido aos Responsáveis.....	92

1. Introdução

A Educação Física Escolar (EFE) trabalha predominantemente com conteúdos procedimentais na maioria dos cotidianos escolares. É estranho para muitos alunos ter aulas de Educação Física em uma sala de aula, o que não ocorre em grande parte das escolas. Esse caráter mais prático do que teórico permite que se identifiquem com maior facilidade aqueles que não estão participando da aula (JACO, 2012). Além disso, é mais fácil também identificar aqueles que não estão se sentindo incluídos ou estão desinteressados nas aulas do que em disciplinas que ocorrem apenas em sala de aula.

A participação do aluno nas aulas de Educação Física pode sofrer influência de diversos fatores; entre eles o contato prévio com o conteúdo e sua habilidade no mesmo (JACO, 2012), o seu relacionamento com o docente (NARDON; DARIDO, 2017) e a existência ou não de episódios de violência repetitiva por parte dos colegas (*Bullying*) (BOTELHO; SOUZA, 2007; BALLONE, 2005).

Nas observações de estágio, podemos reparar que a maneira como os alunos participam e se envolvem com a aula varia de pessoa para pessoa. Além disso, perceber também um fator de influência muito importante já descrito na literatura, que interfere na maneira como eles participam: o sexo do aluno. Em geral, a Educação Física proporciona práticas com as quais os meninos possuem maior contato prévio do que as meninas, então seu nível de habilidade mais elevado acaba fazendo com que eles assumam maior protagonismo nas aulas do que as mesmas, que eventualmente agem como figurantes, não aparecendo no jogo ou causando grande interferência no mesmo (SOUZA JÚNIOR, 2004; JESUS; DEVIDE, 2006; UCHOGA; ALTMANN, 2016).

Tendo isso em vista, surgem os questionamentos: Os diferentes estilos e maneiras de participar da aula de Educação Física podem ser observados em aulas de uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental em uma Escola Estadual de Ensino Integral? Meninos e meninas participam de forma semelhante das aulas? Meninos e meninas têm as mesmas oportunidades dentro das aulas? As categorias descritas na literatura (GRIFFIN, 1984; GRIFFIN, 1985; JACO, 2012) para analisar a participação dos alunos nas aulas de Educação Física são suficientes para o que se propõem analisar?

Dito isso, o objetivo desse estudo é verificar quais os estilos de participação em jogos coletivos (GRIFFIN, 1984; GRIFFIN, 1985) e as diferentes maneiras de participar de aulas de Educação Física (JACO, 2012) se apresentam em aulas de Educação Física de uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental.

1.1. Justificativa

A Educação Física escolar é um espaço no qual os problemas relacionados às relações de gênero se apresentam de maneira mais explícita. É a única disciplina na qual, em alguns casos, existe a separação entre meninos e meninas para a prática da aula. É a única em que os professores atribuem diferentes tarefas para ambos os sexos. É um espaço no qual, muitas vezes, alguns estereótipos são reforçados, contribuindo para a construção social de gênero. Faz-se necessária a investigação acerca dos estilos descritos pela autora (GRIFFIN (1884; JACO, 2012), pois apesar de ser um instrumento que mostrou se encaixar muito bem na realidade investigada, passou-se muito tempo desde então, e é importante também verificar se em uma escola brasileira e nos dias atuais, os estilos descritos se apresentam, se fornecem subsídios para a criação de novos padrões, que podem conter elementos já descritos.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo geral

Verificar quais os padrões de participação nos jogos esportivos coletivos e as diferentes maneiras de participar das aulas de Educação Física que se apresentam em aulas de Educação Física em uma turma de 6º ano.

1.2.2. Objetivos específicos

Verificar se os padrões de participação em jogos coletivos descritos por Griffin (1984, 1985) e as diferentes maneiras de se participar das aulas de Educação Física, descritas por Jaco (2012) se apresentam em aulas de Educação Física em uma turma de 6º ano, a depender da prática corporal ou do conteúdo que está sendo trabalhado. Com base nisso, analisar a dinâmica das relações sociais e a hierarquização do protagonismo entre ambos os sexos durante as aulas

2. Revisão de literatura

2.1 Participação e interesse dos alunos nas aulas de Educação Física na escola

A Educação Física escolar é uma disciplina que possui, na maioria dos cotidianos escolares, um caráter muito mais prático do que teórico, e baseado fundamentalmente na lógica dos esportes de alto rendimento e que estimula a competitividade entre os alunos (ALMEIDA; TUCHER; ROCHA, 2011; BETTI, 2003). A EFe é frequentemente trabalhada de maneira repetitiva e sem diversificação de conteúdos, e esses fatores podem implicar no desinteresse dos alunos (TENÓRIO; SILVA, 2013).

Por se tratar de uma disciplina com caráter predominantemente prático e que trabalha com o corpo, colocando o mesmo em evidência; torna-se assim mais fácil de identificar quando algum estudante não está envolvido com a aula e/ou não está participando (JACO, 2012). O não-envolvimento com as aulas é algo um pouco mais difícil de ser observado em aulas em sala. Um estudante que está em uma aula em sala pode estar somente presente ali e concentrado em alguma outra coisa que não a aula e copiando a matéria da lousa de maneira mecânica, causando a falsa impressão de que está participando da aula.

Por outro lado, um estudante em uma aula de Educação Física sentado na arquibancada da quadra evidentemente não está participando. Ainda que esse estudante esteja dentro da quadra, o fato de ele ficar parado em um jogo de handebol, por exemplo, evidencia que não está envolvido com a aula. Por esse e outros motivos, a participação e a não-participação nas aulas de EFe é um tema amplamente abordado na literatura da área.

Darido (2004) investigou o nível de participação dos alunos e viu que a quantidade de alunos que participam em todas (ou pelo menos da maioria) das aulas de Educação Física diminui desde a 5ª série do Ensino Fundamental (quando essa etapa escolar ainda durava 8 anos) até o primeiro ano do ensino Médio. Além disso, indicou que o número de alunos que afirma “não aprender nada” quando questionados sobre o que aprendem nas aulas de Educação Física aumenta conforme os alunos avançam as séries/anos escolares. Conforme há esse avanço, e conseqüentemente, os alunos envelhecem, alguns começam a ver as aulas de Educação Física como “desnecessárias”, ou bastante infantis, pois já são mais velhos e não querem ser mais “tratados como crianças”.

Nardon e Darido (2017) apontam que dentre os fatores que contribuem com o afastamento dos alunos das aulas de Educação Física no Ensino Médio estão: o esporte como conteúdo pedagógico (sendo o conteúdo mais trabalhado nas aulas de EFe e abordado sempre da mesma maneira); seu relacionamento com o professor; a presença de outros interesses

dentro e fora do contexto escolar e a importância atribuída pelos discentes às aulas de Educação Física.

A Educação Física é frequentemente percebida pelos alunos como um espaço de lazer e/ou de condicionamento físico (ALMEIDA *et al.*, 2011), sendo desconsiderada por muitos como constituinte do projeto pedagógico da escola. Os estudantes afirmam que a Educação Física é a disciplina de que mais gostam dentro do currículo escolar, porém, quando questionados sobre quais são as disciplinas mais importantes, ela dificilmente é citada, ocupando sexta (BETTI, 2003) e sétima (LOVISOLO, 1995) posições nesse quesito.

Diversos estudos que abordam o tema “participação nas aulas de Educação Física” possuem um olhar voltado para a dicotomia “estar x não estar” presente na atividade, analisando questões como o número de alunos que estão dentro ou fora da atividade, suas motivações para que se excluam ou participem das aulas, que importância atribuem à Educação Física e a outras disciplinas, qual sua disciplina favorita e quantos alunos possuem dispensa das aulas (DARIDO, 2004; ALMEIDA *et al.*, 2011; PEREIRA; MOREIRA, 2005; NARDON; DARIDO, 2017).

A especificidade dos estudos supracitados compreendia esse importante tipo de investigação sobre os alunos que não fazem a aula, porém, é necessário evitar olhar para a participação nas aulas concebendo os alunos apenas como participantes ou não participantes. Jaco (2012) observou em sua pesquisa de campo que a questão “participação nas aulas de Educação Física” vai muito além do binarismo “estar x não estar” fisicamente na aula, pois os alunos atribuem diferentes significados e se apropriam de diferentes maneiras da atividade.

Assim, a autora criou quatro categorias que, além de tipificarem os alunos que estão dentro da atividade, dividem aqueles que estão dentro da mesma em 3 categorias: aqueles que se envolvem de maneira entusiasmada com o jogo, correndo, pedindo passes de bola e negociando regras com a professora. A esse primeiro grupo, a autora denominou “protagonistas”. O segundo grupo é composto pelos alunos que estão dentro da atividade, porém não estão interessados, evitando contato com a bola e envolvimento com a atividade, se mantendo parados e em porções periféricas do espaço de jogo. A esse grupo, a autora denominou “Figurantes”. O terceiro grupo é composto por alunos que variam entre as duas categorias supracitadas, a depender do conteúdo e da aula. Esse grupo foi chamado “Flutuantes”. O quarto grupo é composto pelos alunos que não ficam na aula, e foi denominado “Excluídos”.

Outro aspecto que pode exercer influência na participação dos estudantes é o *Bullying*. Este é compreendido como toda forma de violência que é praticada sem motivo e de

maneira intencional e repetitiva, feita por uma ou mais pessoas contra outra. Dar apelidos, zombar, agredir física e moralmente e excluir socialmente (popularmente, “panelinhas”) são algumas das atitudes que caracterizam o *Bullying* (BOTELHO; SOUZA, 2007).

A auto-confiança e motivação para participar de atividades em grupo podem ser muito afetadas, caso a criança seja submetida a situações de constrangimento entre seus colegas de turma. O aluno que se envolve com as aulas de maneira interessada e está conseguindo aprender os conteúdos trabalhados pelo professor pode, de uma hora para outra, perder todo o interesse por algum conteúdo, pelas aulas de Educação Física, ou ainda, pela escola de uma maneira geral. Esse aluno então pode começar a criar estratégias para evitar participar das aulas, como fingir que está com algum problema de saúde.

Também é possível que esse aluno desenvolva medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos, que o fazem evitar retornar à escola, também podendo crescer com problemas de relacionamento e auto estima (BALLONE, 2005). Ainda segundo o autor, o *Bullying* é mais recorrente entre os meninos, tanto como vítimas quanto como agressores. Ainda assim, podem ocorrer entre as meninas formas mais sutis e indiretas de bullying (ou seja, na ausência da vítima).

O sexo do estudante também é um fator de influência muito forte na maneira como o mesmo participa (ou deixa de participar) das aulas de Educação Física (UCHOGA; ALTMANN, 2016; JACO, 2012).

2.2 Gênero e a construção social dos corpos masculinos e femininos

A palavra “gênero” se refere a uma construção cultural dos corpos masculinos e femininos que valoriza determinados comportamentos em detrimento de outros, de acordo com o sexo do indivíduo (DAOLIO, 1995, p. 100 citado por SOUZA JÚNIOR, 2004). Meninos são estimulados a usarem determinados tipos de roupas que não são socialmente consideradas adequadas às meninas e vice-versa. É cobrado desde cedo que as meninas se preocupem com sua aparência, usem maquiagem e sejam delicadas e dóceis, enquanto a expectativa que se tem para com os meninos é que sejam fortes, ágeis e que não sejam emocionalmente “sensíveis”, caso contrário os mesmos sofrem julgamentos e inferências acerca de sua orientação sexual. Por fim, as práticas corporais que são consideradas apropriadas diferem entre ambos os sexos, e a EFe é palco de diversas situações que, além de demonstrarem que tais diferenciações são reais, colabora para a construção das mesmas.

A sociedade em que vivemos compreende e estimula que um menino aja de maneira mais “bruta” na infância, para que no futuro, não venha a se tornar um adulto “afeminado”; enquanto estimula que a menina aja de maneira delicada e frágil para que não cresça e se torne uma mulher “ máscula” (que tem características tidas como masculinas). Caso contrário, são feitas afirmações e inferências acerca da orientação sexual da criança (O menino é chamado de “bicha” e a menina de “sapatão”). Esse é o motivo de vários pais e mães matriculem seus filhos em atividades mais agitadas e violentas, como aulas de futebol e de caratê, enquanto matriculam suas filhas em atividades mais delicadas e que trabalham a sensibilidade emocional, como alguns tipos de dança e teatro. Mas ora, o que significa “afeminado” e “ másculo”?

O primeiro termo é uma variação de “efeminado”, cujo infinitivo (Efeminar) significa: 1- Tornar semelhante a uma mulher; agir (o homem) à maneira das mulheres. 2- Tornar fraco, mole, sem energia. 3- Tornar-se efeminado (DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 1992).

Agora olharemos para o significado de “M másculo”, segundo o mesmo dicionário: 1- Que é do sexo masculino; macho. 2- Fig. Que dá a ideia de força, de energia própria do homem; masculino, viril (DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 1992).

Essa definição do dicionário da Língua Portuguesa evidencia que a concepção social que se tem sobre a mulher é que a mesma é “fraca, mole e sem energia”, enquanto a que se tem sobre o homem é de que ele é “Forte e provido de muita energia”. Não apenas a concepção social, mas também as expectativas que são colocadas sobre homens e mulheres. O que causa esse tipo de compreensão sobre homens e mulheres é uma determinação biológica ou construção social? Tendemos a aceitar mais a segunda opção.

As expectativas que são colocadas sobre cada indivíduo desde que nasce, e as brincadeiras que o mesmo é estimulado a praticar quando criança, refletem o papel social que se espera que ele cumpra (SOUZA JÚNIOR, 2004). Meninos são estimulados a jogar bola, correr, empinar pipa e outras atividades agitadas; enquanto meninas são colocadas para brincar com utensílios domésticos, bonecas e atividades mais “calmas” em geral, indicando que a sociedade espera delas que estejam prontas e motivadas para atividades domésticas. O autor aponta que essa construção repleta de cobranças e expectativas sobre as crianças é um “plano de vida” que se espera que a criança siga.

Além das atividades e brincadeiras que pratica na infância, outros tipos de escolhas são “categorizadas” como sendo masculinas ou femininas. Alguns exemplos: a carreira que pretende seguir (Cargos de Engenharia e Direito, por exemplo, são tidos como

masculinos; enquanto cargos na docência na Educação Infantil e no campo da Moda/Estética são tidos como femininos); as roupas que utiliza; o jeito de andar; de falar; de se relacionar com as outras pessoas; características emocionais. Muitos comportamentos ou características são frequentemente relacionados a um sexo ou outro, existe um “código de conduta” implícito que homens e mulheres são incentivados a seguir, e quando alguma pessoa quebra esse código de conduta, costuma ter dificuldades em se relacionar em certos tipos de ambiente e inclusive é chamada de homossexual (utilizando-se do termo como se fosse um insulto). Por exemplo: se um homem que vai trabalhar todos os dias usando camisa social e calça jeans, um dia decide ir ao trabalho de maquiagem, salto alto e vestido, provavelmente sofrerá comentários preconceituosos.

2.3. Gênero na Educação Física escolar e no esporte

Sendo o esporte o conteúdo mais trabalhado no cotidiano da EFe, o mesmo apresenta uma série de estereótipos que se manifestam de maneira semelhante como na sociedade na qual o fenômeno esporte está inserido. Um desses estereótipos é conceber uma determinada modalidade esportiva como sendo naturalmente masculina ou feminina. A título de exemplificação, o futebol é tido na maioria dos países como esporte masculino, e a Ginástica rítmica como esporte feminino.

Além de tais estereotipizações, o esporte profissional é um ambiente em que ocorrem diversas desigualdades de gênero. O salário recebido pelas jogadoras das diferentes modalidades esportivas (principalmente de futebol) é muito baixo quando comparado ao dos jogadores das mesmas modalidades. A jogadora de futebol mais bem paga do mundo (Alex Morgan, do Clube Francês Lyon) recebe de salário em um ano, menos de um quinto do que recebe o Jogador mais bem pago (Neymar, do clube Francês PSG); os dois recebem em um ano o equivalente a R\$2,12 milhões e R\$137 milhões, respectivamente (GALANTE, 2018). Além do salário, existem também diversas desigualdades no que diz respeito à visibilidade dos atletas e profissionais ligados ao esporte quando homens e mulheres são colocados em comparação.

No Brasil, a prática de diversas modalidades esportivas, incluindo o futebol, chegou a ser proibida para as mulheres por um longo período (1941-1979, quando houve a revogação de tal lei). Ainda assim, apenas em 1983 o futebol feminino foi regularizado no Brasil. A principal justificativa para tal proibição era de que “não faz parte da natureza feminina” (SILVA, 2015).

Com tal afirmação podemos observar que um estereótipo de gênero bastante presente na sociedade influenciou na tomada de decisão que proibiu o futebol (e uma série de outras modalidades esportivas) de ser praticado por mulheres: a de que mulheres são física e emocionalmente “frágeis” para a prática de esportes que apresentam certo grau de contato físico. É corriqueiro em nosso país ouvir alguém se referindo ao sexo feminino como “sexo frágil”. Uma evidência clara de que tal estereótipo é fundado em bases sociais, e não biológicas, é de que o futebol é tido como esporte masculino na maior parte dos países, porém, nos Estados Unidos da América é tido como esporte feminino.

Alguns professores de EFe contribuem com a construção social dos corpos femininos e masculinos através de práticas sexistas e segregatórias, como atribuir diferentes atividades para meninos e meninas; desencorajando-os a praticarem atividades que foram “delimitadas” ao outro gênero. Além disso, os próprios estudantes também apresentam atitudes segregatórias, em especial os meninos, que depositam pouca ou nenhuma confiança no desempenho das meninas, ao, por exemplo, deixá-las de lado nas aulas ao dificilmente tocarem a bola para as mesmas durante jogos esportivos coletivos (SOUZA JÚNIOR, 2003).

O argumento mais comum utilizado para a separação por sexo nas aulas de EFe é de que o nível de desenvolvimento motor das meninas é mais baixo que o dos meninos, podendo comprometer o desenvolvimento da aula (JESUS; DEVIDE, 2006). Abreu (1992) aponta as raízes culturais do problema; meninos geralmente são mais livres para brincar e se desenvolver na infância, tendo experiências motoras mais ricas e diversificadas, enquanto as meninas são mais solicitadas pelas mães para ajudarem em atividades domésticas, como lavar, passar e cozinhar, tendo contato com algumas práticas corporais só mais tarde (ou nem isso), nas aulas de EFe. “Meninos são criados para a vida pública, enquanto meninas são criadas para a vida privada” (JESUS; DEVIDE, 2006).

Jaco (2012) encontrou que o apoio social por parte dos responsáveis do estudante para que ele se envolva com práticas corporais fora do ambiente escolar é mais comum entre os meninos do que entre as meninas; e que esse apoio influencia na maneira como cada um se envolve com a aula (especialmente quando essa aula é pautada num momento de prática esportiva e de valorização dos mais habilidosos, com pouca ou nenhuma preocupação com a aprendizagem do conteúdo, o que é reflexo da esportivização da EFe), na medida em que a aula acaba se tornando um espaço de aplicação dos conhecimentos adquiridos fora da escola para aqueles estudantes que recebem apoio social dos responsáveis para a prática fora da instituição escolar.

A autora também observou que o papel de protagonista (ou seja, aquele que se envolve mais com a aula, participa, corre, pede a bola para o colega que tem sua posse e discute as regras com os colegas e o professor; mostrando-se realmente interessado na aula) nas aulas de EFe é majoritariamente ocupado pelos meninos, sendo raramente ocupado pelas meninas, e geralmente quando isso acontece, as mesmas têm apoio social dos responsáveis para práticas corporais fora da escola, ou seja, estão matriculadas em “escolinhas” e academias de diferentes práticas esportivas, possuindo experiências motoras prévias com práticas corporais coletivas (que ocupam a maior parte do tempo da maioria dos programas de EFe), o que às deixa mais à vontade para participar da aula.

Sendo o gênero compreendido como construção cultural, como supracitado, Sousa e Altmann (1999) apontam que as meninas são excluídas das aulas de EFe não apenas pelo fato de serem meninas, mas por serem consideradas mais frágeis e fracas do que os meninos; ou seja, o fator de exclusão não é apenas biológico, mas também cultural. Como argumento, aponta também que não só as meninas são excluídas das aulas, mas também os meninos mais fracos e menos habilidosos.

Tais meninos mais fracos e menos habilidosos frequentemente são rotulados como homossexuais, por não serem adeptos à prática de atividades mais dinâmicas, como correr ou jogar futebol; ou ainda por não possuírem habilidades motoras em determinadas atividades, sendo chamados de “frescos” ou de “mulherzinha”. Isso indica que na visão da maioria das pessoas a orientação sexual e a identidade de gênero, ou seja, como a pessoa se define, se identifica; estão muito relacionadas com os comportamentos que essa pessoa assume, como se existisse um código de conduta que delimita como homens ou mulheres, heterossexuais ou homossexuais, devem se portar. Um exemplo claro disso no esporte é o Voleibol. A prática do voleibol, ainda que difundida mundialmente e muito forte no Brasil, é costumeiramente tida como feminina, sendo que os homens que optam por jogá-lo são muitas vezes taxados de homossexuais e afeminados.

As meninas que possuem habilidades em atividades mais dinâmicas e que demandam maior uso da força, tais como, lutas, futebol americano e basquete também sofrem rotulações acerca de sua orientação sexual. É muito frequente ver uma menina que se destaca no futebol sendo chamada de “machona” ou “sapatão”.

A EFe apresenta-se como espaço potencial no qual tais questões sejam problematizadas e superadas através de aulas coeducativas que, além de ser um espaço no qual ambos os sexos participem juntos, vivenciando suas diferenças, trazendo à tona a discussão sobre tais questões. Além disso, é possível que os alunos e alunas sejam libertados

das predeterminações do que cada sexo pode vivenciar ou não como prática corporal (JESUS; DEVIDE, 2006).

Os resultados da pesquisa de Jesus e Devidé (2006) apontam que os alunos observados/entrevistados se preocupam com a homogeneidade durante as aulas, em especial de desempenho. Alguns alunos afirmam que é importante “jogar de igual pra igual”, e um menino afirma que “a liberdade de jogo é maior separado”. Isso mostra que os alunos assumem que há diferença no desempenho de meninos e meninas durante as aulas de EFe. Além disso, os alunos se preocuparem em “jogar de igual para igual” mostra que os mesmos têm uma perspectiva de competição/rendimento das aulas de EFe, não a compreendendo como um espaço de aprendizagem de conteúdos, tal como as outras disciplinas escolares.

Seria interessante se os alunos (tanto meninas quanto meninos) fossem questionados se as aulas de matemática, por exemplo, fossem separadas por nível de habilidade; em uma turma aqueles que são mais habilidosos nas operações matemáticas, e em outra turma os menos habilidosos. Isso indica que a EFe ainda é vista (pelo menos por parte dos discentes) com o mesmo olhar que se tem sobre o esporte de alto rendimento.

A pesquisa de Uchoga e Altmann (2016) encontrou que os meninos se envolveram mais com as aulas e se arriscaram mais no desenvolvimento das atividades, enquanto que as meninas não se envolviam de maneira efetiva, tornando-se assim, coadjuvantes das atividades propostas para a turma.

Esse mesmo estudo demonstrou que um dos principais aspectos que influenciam negativamente na motivação das meninas para participarem das aulas é a brutalidade dos meninos, ou seja, ameaça de agressão física; o que faz com que as mesmas se auto excluam da participação das aulas. Os alunos acreditam que as diferenças nos níveis de habilidades motoras entre meninos e meninas têm origens naturais/biológicas, e não socioculturais e históricas, tendo sido os níveis de desenvolvimento motor de meninos e meninas por fatores físicos, e não pelo fato de as experiências motoras às quais foram expostos e estimulados ao longo de seu desenvolvimento serem diferentes, ou ainda, as atividades diárias para além da Educação Física que lhes foram destacadas serem diferentes.

Para Saraiva (2002), a Educação Física escolar contribuiu para Masculinizar o esporte e feminizar as atividades rítmico-expressivas. Quando um homem tem por escolha de prática as segundas, ou uma mulher tem as primeiras; a pessoa tem sua opção sexual questionada. É muito comum, sobretudo em aulas de EFe, serem ditas expressões do tipo “Essa menina joga tão bem que parece um menino”, indicando que a expectativa pela prática do futebol caia apenas sobre os indivíduos do sexo masculino, e que as mulheres “não foram

feitas para isso” ou “que devem praticar outra coisa”. O mesmo acontece em outros componentes da cultura corporal praticados em equipe (em especial nos jogos esportivos coletivos) que são trabalhados na escola.

O esporte é conteúdo hegemônico na escola (BETTI, 1999), sendo em muitos casos o único conteúdo a ser trabalhado o ano inteiro, com todas as turmas. Apesar de ter uma boa parcela do interesse das meninas, o conteúdo esporte tem sua prática culturalmente mais estimulada entre os meninos (SOUZA JÚNIOR, 2003; SOUZA JÚNIOR, 2004; SARAIVA, 2002). Como supracitado, as expectativas pela prática esportiva são mais colocadas sobre os meninos do que sobre as meninas, sendo que a EFe contribui em muitos casos com tal processo. Sendo assim, entende-se que, apesar do interesse pelo esporte, as meninas apresentam menor motivação pela participação nas aulas de EFe, pois se apresentam como espaço no qual o protagonismo é predominantemente masculino.

Levando em conta toda a construção cultural que é feita sobre os corpos de meninos e meninas, é de se esperar que em uma turma de Ensino Fundamental na qual as aulas são coeducativas (ou seja, nas quais meninos e meninas participam juntos das mesmas atividades), durante a prática de jogos desportivos coletivos; hajam comportamentos diferenciados entre ambos os sexos, sendo provável que os meninos assumam papel de protagonistas, tendo assim maior motivação para a prática por terem sido estimulados desde cedo às mesmas, enquanto que as meninas assumam um papel mais secundário, tornando-se menos motivadas a participar da aula.

Além disso, é provável que a bola em jogos de futsal esteja mais tempo em posse dos meninos, pois os mesmos dificilmente têm confiança na habilidade das meninas e em sua capacidade de desempenhar bem o futsal. Essas hipóteses estão sendo formuladas com base na bibliografia consultada (ABREU, 1992; SARAIVA, 2002; SOUZA JÚNIOR, 2003; JESUS E DEVIDE, 2006). Além das possíveis diferentes oportunidades dentro da situação de jogo que podem se apresentar entre meninos e meninas, é possível que a motivação e interesse pelas aulas também sejam diferentes entre ambos os sexos. No estudo realizado por Chicati (2000) com alunos do Ensino Médio, foi evidenciado através de um questionário que as meninas apresentaram menor interesse pelas aulas de EFe do que os meninos, e também que as mesmas têm como conteúdo preferido o esporte (assim como os meninos), porém, a porcentagem de meninas que indicou tal preferência é bem menor que a dos meninos (45,8% contra 65,8%, respectivamente).

2.4. Os padrões de participação em esportes coletivos e as diferentes maneiras de se participar das aulas de Educação Física

O título dessa seção se refere às pesquisas de duas autoras; uma norte-americana e uma brasileira, que identificaram diferentes estilos de participação nas aulas de Educação Física. Nos parágrafos seguintes, as categorias descritas pelas duas autoras serão explicadas.

As aulas coeducativas de Educação Física são consideradas uma maneira de tornar as aulas mais equitativas entre meninos e meninas. Apesar disso, alguns professores de Educação Física argumentam que as aulas coeducativas são menos equitativas que as aulas separadas por sexo, pois os meninos têm que jogar em um nível de jogo mais baixo do que são capazes, e ainda assim as meninas não conseguem os acompanhar (GRIFFIN, 1984). A autora afirma que, antes de julgar as aulas coeducativas como sendo boas ou ruins, os professores de Educação Física devem prestar atenção no que está ocorrendo dentro de suas aulas e levanta as seguintes questões: existem estilos de participação identificáveis entre os estudantes? Os estilos são diferentes para meninos e para meninas? Como a participação dos estudantes muda em diferentes unidades didáticas? (GRIFFIN, 1984).

Buscando responder a essas perguntas, a autora caracterizou diferentes padrões de participação nos jogos esportivos coletivos entre crianças; seis para as meninas e cinco para os meninos (GRIFFIN, 1984; GRIFFIN, 1985). Com base nas diferentes categorias criadas Para as meninas: *Athlete*, *JV Player*, *Cheerleader*, *Femme Fatale*, *Lost Soul* e *System Beater*; e para os meninos: *Macho*, *Junior macho*, *Nice Guy*, *Invisible Player*, *Wimp*¹. Com as categorias supracitadas, é possível fazer uma análise dinâmica das relações sociais e de poder que se formam durante as aulas de EFe ou na prática de jogos coletivos fora da escola (GRAÇA, 2013); e a partir disso, discutir se ambos os sexos estão sendo expostos a oportunidades igualitárias de participação nas aulas de EFe.

Os padrões de participação em jogos coletivos observados por Griffin em meninas (1984) e meninos (1985) são:

Meninas

Athlete: Tem visibilidade durante a partida e se envolve no jogo, sendo elogiada pelos colegas e tendo um bom nível de habilidade.

1. Tradução livre feita pelo autor a partir da interpretação do texto original: *Athlete* - Atleta, *JV Player* - Jogadora JV, *Cheerleader* - Líder de torcida, *Femme Fatale* - Fêmea Fatal, *Lost Soul* - Alma Penada, *System Beater* - Contra o sistema, *Macho* - Macho, *Junior Macho* - Macho Júnior, *Nice Guy* - Cara legal, *Invisible player* - Jogador invisível, *Wimp* - Fraquinho.

JV Player: Tem nível de habilidade médio ou baixo, às vezes é confiante em suas ações durante a atividade, porém em alguns momentos fica um pouco insegura. Em alguns momentos é negligenciada pelos (as) colegas.

Cheerleader: Se empolga muito com a partida e com o jogo e vibra com pontos ou gols, desde que não esteja participando. Ao receberem uma bola, por exemplo, evitam de fazer uma jogada e rapidamente a tocam para um colega. Vibram com os resultados dos colegas, porém evitam de se envolver.

Lost Soul: Se desesperam quando é sua vez com a bola, ou quando têm alguma responsabilidade no sucesso da atividade. Têm baixo nível de habilidade e preferem se envolver pouco com o jogo. Escolhem se posicionar de maneira periférica no espaço de jogo para evitarem que a bola passe a estar em sua posse.

Femme Fatales: Procuram não se envolver com a atividade. Possuem nível de habilidade baixo, médio ou alto; porém, não se interessam pelo jogo. Não levam a aula, os professores e os colegas a sério e acham que tudo é uma perda de tempo. Fazem piada com os colegas. Muito preocupadas com sua aparência física e com a impressão que causam nos meninos.

System Beater: Procuram de todo jeito encontrar uma maneira de se ausentar das aulas de Educação Física, com bilhetes dos pais, atestados médicos, de trabalho ou qualquer tipo de comprovante de que realizariam alguma atividade no momento da Educação Física.

Meninos

Macho: Empolgado com o desenvolvimento da atividade e com alto nível de habilidade. Possuem o protagonismo no desenvolvimento da atividade e passam mais tempo com a bola. Frequentemente comandam o time e dão orientações sobre o que fazer a seus colegas, que costumam as seguir. São tratados como líderes da turma. Tratam os colegas que cometem um erro de maneira agressiva ou pejorativa, dando ordens e humilhando os colegas. Sua interação com as meninas é baseada em reclamar de sua falta de habilidade e lhes dar ordens, como se não tivessem a mínima ideia do que estão fazendo.

Junior Macho: Tem o comportamento semelhante ao Macho. Têm o corpo um pouco menor que o do macho e menor nível de habilidade. É tratado pelo macho como se estivesse um nível abaixo na hierarquia e reconhece isso. Sua interação com as meninas é diferente da do macho. Seu comportamento sugere que sente dificuldade em aceitar garotas que têm alto nível de habilidade.

Nice Guy: Tem nível de habilidade médio ou alto. Assume papel de liderança assim como o Macho, porém difere na interação com os outros estudantes. Trata as meninas de maneira igualitária, principalmente se a menina estiver interessada em participar da partida. Joga de maneira a incluir os outros estudantes no jogo, buscando que também participem ativamente, em especial as meninas.

Invisible Player: Finge participar e estar envolvido com a atividade sem participar. Diferentemente dos estudantes que se isolam e ficam parados nos cantos, correm de um lado para o outro do campo acompanhando o fluxo de jogo, porém não participam. Se a bola vem em sua direção ele evita contato e sai de perto. São ignorados pela turma.

Wimp: O termo era usado informalmente entre alguns estudantes e professores. Foi usado principalmente quando o menino não joga de maneira agressiva ou prefere praticar ginástica. Baixo nível de habilidade nos esportes. Eles saem do jogo se estiverem muitas pessoas jogando. Escolhem posições periféricas dentro do jogo para minimizar sua participação.

Essas categorias propostas pela autora norte americana permitem a análise de como ocorre o envolvimento/participação do estudante nas aulas e de como se dá a sua interação com os colegas em aula.

Uma autora brasileira (JACO, 2012) propôs quatro categorias que permitem caracterizar apenas o nível de participação dos alunos. A autora encontrou ao longo de sua pesquisa que a não-participação nas aulas de EF não pode se limitar a uma concepção dentro X fora do espaço de aula” (no caso, a quadra), pois estar presente na atividade não significa estar participando da aula. As quatro categorias propostas pela autora são:

Protagonistas: Participam com entusiasmo das atividades propostas. Correm atrás da bola, se posicionam para recebê-la, pedem sua posse e negociam regras com o professor.

Figurantes: Também estão presentes na atividade, porém não “mexem” no jogo, ficam parados, não recebem a bola e ocupam posições mais periféricas no espaço de jogo.

Flutuantes: Participação mista entre os dois estilos acima. Em algumas atividades ficam perdidos e não se mexem durante o jogo; porém em outras atividades, ou ainda nas “aulas livres” (em que o professor deixa cada grupo de alunos praticar o que quiser, fracionando o espaço de quadra) já se envolve mais, corre e tem interesse na atividade/jogo.

Excluídos: Não participam da aula e ficam sentados no canto da quadra ou na arquibancada.

Griffin (1984; 1985) utiliza-se ora da palavra “estilo” e ora da palavra “padrão” para se referir às suas categorias; ao fazer a leitura do texto, não é possível identificar distinção do uso das duas palavras através do contexto, então é provável que a autora tratou os dois termos como sinônimos (o artigo original está em Inglês, então os termos são “*Patterns*” e “*Styles*”), enquanto Jaco (2012) se utiliza do termo “maneira de participar”. A palavra “Estilo” significa:

Sm. 1. Modo de exprimir-se falando ou escrevendo. 2. Uso, costume. 3. A feição típica de um artista, uma escola artística, uma época, cultura, etc. 4. Gênero, qualidade, espécie. 5. Maneira de tratar, de viver, procedimento, conduta, modos. 6. Maneira ou traço de uma pessoa no agir, na prática de um esporte, na dança, etc. (DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2005).

As definições cinco e seis se adequam melhor ao que estamos nos propondo a analisar, pois é a maneira como o aluno faz/executa algo, no caso, como se porta na aula. Agora veremos a definição de “padrão”: “Sm. 1. Modelo oficial de pesos e medidas. 2. Aquilo que serve de base ou norma para avaliação; medida. 3. Objeto que serve de modelo à feitura de outro. 4. Desenho decorativo estampado em tecido ou noutra superfície. 5. Fig. Modelo, exemplo, protótipo” (DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2005).

Podemos perceber que a definição de estilo se refere a algo mais aberto e menos normativo do que padrão, pois é uma ideia de como algo funciona ou alguém age, enquanto “padrão” remete à padronização, às normas, a algo mais fechado e estático; um aluno participando de uma aula de Educação Física tem um estilo de participar, que pode variar minimamente para outro aluno, mas varia. Ao falar de “padrão”, assumimos que essa variação não irá ocorrer. Por isso, o termo utilizado no presente estudo para se referir genericamente ao modo como os alunos participam da aula será “Estilo”, enquanto ao se referir ao estudo de Griffin (1984, 1985), será utilizado “padrão”.

3. Trajetória metodológica

3.1. Tipo de pesquisa

Essa pesquisa utilizou a abordagem Qualitativa. Para Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa:

[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. [...]

Ou seja, o foco desse estudo foi na compreensão do grupo social estudado, sem o intuito de obter medidas ou marcas, mas de aprofundar a discussão sobre o tema proposto no contexto em questão. É importante lembrar que a pesquisa qualitativa não se preocupa em propor leis universais para o tema estudado, e sim entender como a temática se desenvolve na situação estudada, no caso, as aulas de Educação Física da turma do 6º ano C de uma escola estadual de ensino integral.

O tipo de pesquisa qualitativa utilizado foi a etnografia. A etnografia é o estudo da cultura e da sociedade, buscando obter informações sobre os valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos de determinado grupo social (ANDRÉ, 2008). A preocupação do pesquisador que se apropria da pesquisa etnográfica para estudar a educação é com o processo educacional, e esse pesquisador é a principal forma de coleta de dados. Através dele os dados são obtidos, seja por observação, entrevistas, vídeos ou qualquer outro instrumento de coleta de dados.

3.2 Local e sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada com uma turma do 6º ano C de uma escola estadual de ensino Integral, localizada na região central da cidade de São Carlos, e que atende estudantes de todos os bairros e regiões da cidade. A turma é composta por 39 alunos, sendo 19 meninos e 20 meninas.

3.3. Instrumentos de coleta de dados

A coleta das informações foi feita através da observação participante e semiestruturada. Observação participante é aquela na qual o observador não participa dos acontecimentos, os registra no momento em que acontecem, não interferindo nos acontecimentos que observa. Observação semiestruturada é aquela que delimita algumas pautas a serem observadas, porém, não se fecha a outras ocorrências que possam surgir durante o processo (NEGRINE, 1999). Foi feita a utilização do diário de campo para registro das observações feitas nas aulas. Os diários de campo foram divididos em notas, e estão inseridos em anexo nesse trabalho.

Foram realizadas 18 inserções, sendo que 12 foram em aulas práticas e 6 em aulas teóricas. Cada inserção durou 50 minutos.

Foi também utilizada a entrevista semiestruturada com todos os alunos cujo os pais permitiram a participação na pesquisa. O intuito da entrevista foi verificar se as informações coletadas na observação semiestruturada vão de encontro com a percepção dos alunos acerca dos mesmos aspectos, pois ouvindo quem está situado dentro do ambiente a ser estudado, se pode ter maior fidedignidade nos dados. As perguntas feitas na entrevista foram:

1 - Você acredita que os seus colegas de turma têm jeitos diferentes de participar da aula?

2-Existem alunos que participam mais e os que participam menos?

3-Existem alunos que se sentem mais motivados e os que se sentem menos motivados com a aula?

4- Você se vê incluído (a) nas aulas de Educação Física ou se vê deixado (a) de lado? Por quê?

5- Você se sente motivado (a) a participar das aulas de Educação Física? Por quê?

6- Existem atividades que você gosta mais ou menos? Por que você acha que algumas atividades lhe agradam mais e outras menos? Por quê?

7- Você acredita que o fato de ser menino ou menina influencia no jeito como cada um participa da aula?

A caracterização dos estilos de participação nas aulas foi baseada nas categorias descritas por Griffin (1984; 1985) e por Jaco (2012). Sendo possível que alguns alunos não se encaixem nos estilos que as autoras trazem, ficará em aberto para que alguns alunos sejam posicionados em categorias que não foram descritas pela autora, podendo conter elementos de dois ou mais estilos de participação.

É importante destacar que, quando algum menino apresenta características de participação que permitam que ele seja enquadrado em algum padrão que foi descrito como de meninas ou vice-versa, o mesmo foi feito e o aluno foi incluído no padrão em questão, pois:

Os métodos de investigação devem permitir que as dinâmicas e as complexidades das relações de gênero emergjam, e evitem ainda que os estudos, mediante seus próprios procedimentos, produzam representações de gênero dicotômicas ou estáticas. (CONNELL, 2012 citado por SILVA; GOMES, 2013).

3.4. Aspectos éticos

Os nomes utilizados nesse trabalho são fictícios e foram utilizados apenas para os alunos cujo os pais autorizaram a participação no estudo. Os estudantes cujo os pais não autorizaram a participação no estudo foram referidos como “um (a) aluno (a)” ou “um(a) menino(a)”. Além disso, alguns alunos que obtiveram a autorização dos pais para a participação no estudo não tiveram interesse em realizar a entrevista, porém, foram atribuídos nomes fictícios a esses alunos

3.5. Análise dos dados

A análise dos dados obtidos na fase de coleta foi feita através da análise de conteúdo com a utilização de categorias. As categorias podem ser definidas antes, durante ou após a coleta dos dados da pesquisa (GOMES, 1996), e no caso dessa pesquisa, foram definidas antes da fase de coleta dos dados, baseado na literatura científica consultada. Além disso, foram definidas categorias com as respostas dos alunos nas entrevistas, para facilitar a análise e interpretação das respostas dos alunos.

4. Resultados e discussão

Os dados obtidos nessa pesquisa foram alocados nas cinco seções seguintes; e cada uma abordando uma característica relevante para a compreensão da realidade estudada.

4.1 A realidade da escola

A escola na qual foi realizada a pesquisa é uma escola localizada na região central da cidade de São Carlos, SPP, e que está no programa de Ensino Integral desde 2014, sendo que os 600 alunos do ensino fundamental têm aula das 7h30min da manhã até às 15h40min. A escola recebe cerca de 600 alunos dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, alunos esses vindos dos mais variados bairros da cidade.

Uma das características que a gestão e os professores da escola mais se orgulham são os resultados em exames e avaliações nacionais e estaduais de rendimento para o ensino Fundamental e Médio. Esteve nos últimos anos entre as melhores colocadas no Ranking do SARESP do Estado de São Paulo e atingiu 120% da meta do Ensino Médio no ano de 2016.

A escola tem pouquíssimos problemas de Indisciplina/Vandalismo por parte dos alunos, sendo que essas questões costumam se apresentar com pouca frequência, e ocorrem principalmente no Ensino Médio. Durante todo o tempo em que estivemos lá não vimos/ouvimos falar de nenhuma briga ocorrida dentro da escola. A participação dos pais e responsáveis na vida escolar dos estudantes é muito ativa, sendo que, segundo alguns professores e a coordenação pedagógica, cerca de 50% dos alunos têm os pais e responsáveis participando frequentemente de reuniões de pais e mestres e outras atividades que visam incluir os responsáveis na vida escolar do aluno.

Por ser integrante do programa de Educação Integral em tempo Integral, a escola conta com disciplinas que não fazem parte do currículo básico, como Projeto de Vida e protagonismo Juvenil. O projeto de vida (PV) é um programa implantado nas escolas do sistema integral em 2012 e possui atividades que tratam de valores, através de discussões e reflexões acerca da realidade dos alunos (FODRA; NOGUEIRA, 2017). A professora de Educação Física da turma observada para a realização dessa pesquisa (6º ano C) é também professora da disciplina de PV com suas turmas, durante 50 minutos na semana.

4.2 A Educação Física e a turma observada

A escola conta com duas professoras de Educação Física, sendo que uma leciona do 6º ao 8º ano, e a outra leciona para o 9º ano do ensino fundamental e para o Ensino Médio. A escola possui uma quadra poliesportiva coberta e com uma pequena arquibancada, além de uma quadra de voleibol em tamanho reduzido que é ao ar-livre e com chão de cimento. Além disso, a Educação Física possui um depósito de materiais bem amplo, onde também ficam alguns vestiários desativados. Por fim, a escola possui uma sala de aula para cada professor, e com a Educação Física não é diferente.

Por se tratarem de duas professoras trabalhando com diferentes turmas, sendo que cada uma possui duas aulas de 50 minutos com cada turma, elas revezam a sala de aula e a quadra, então cada turma possui 50 minutos em sala de aula e 50 minutos em quadra por semana. Ocasionalmente, alguma das professoras precisam da quadra ou da sala de aula em duas aulas na semana, então elas combinam como será feito.

Não se trata de uma turma que possui graves problemas de indisciplina, porém, se dispersam facilmente, em especial quando estão em sala de aula. Quando a professora precisa chamar a atenção dos alunos em aula é porque não consegue explicar a matéria, pois os alunos estão fazendo muito barulho; em apenas uma situação a observamos chamando a atenção de um aluno porque ele estava incomodando o colega. Ao final de todas as aulas em quadra, a professora pede um relatório para os alunos que valerá nota. Eventualmente, ela diz para eles que não é necessário fazer o relatório, dependendo da aula.

A turma aparentemente se respeita em sala de aula, porém desrespeita a professora em alguns momentos, fazendo muito barulho. Apesar disso, eles não “batem de frente” com a professora; quando ela lhes chama a atenção, ficam quietos e fingem que não estavam fazendo nada. Em grande parte das aulas, a professora utilizou-se da quadra como estratégia de negociação com os alunos; quando estava fazendo a chamada, explicando matéria, auto-avaliação ou corrigindo as tarefas que deu ao longo do semestre em sala de aula e os alunos começavam a incomodar fazendo muito barulho e levantando das carteiras, ela ameaçava de não deixá-los ir para a quadra na próxima aula. Além disso, começava algumas aulas em sala de aula dizendo “se vocês se comportarem hoje, poderão ir brincar na quadra ao final da aula”.

No dia em que foi apresentado o Termo de Assentimento para os alunos entregarem aos seus pais, tivemos um pouco de dificuldade em explicar para a turma o que era aquilo, pois eles estavam muito inquietos. Com isso, nos últimos 15 minutos da aula a professora anunciou que deixaria os alunos irem para a quadra e brincarem do que quisessem.

Contudo, devido à indisciplina apresentada pela turma, ela deixou apenas uma das três fileiras de carteiras de alunos, deixando os outros na sala sem fazer nada. A professora justificou o seu feito, ao dizer que aquela fileira estava mais comportada e respeitosa naquele dia.

Em um primeiro momento, a atitude de negociação da professora pode ser vista com maus-olhos, pois se utiliza da quadra (parte prática da Educação Física) para conseguir manter os alunos focados na aula teórica, assumindo assim que a aula em quadra tem caráter de lazer e recreação, sendo apenas uma atividade prazerosa, sem intenções pedagógicas (o que para muitos alunos de fato é, de acordo com as entrevistas realizadas). Isso se confirma, pois quando lança mão de tal estratégia, em especial nos últimos minutos de aula, não direciona atividades para os alunos fazerem, e sim deixa-os livres entre as duas quadras com bolas de futsal, voleibol e bolas de borracha.

Por outro lado, temos que levar em conta que, sendo uma turma que está chegando agora na escola e que conhece a professora há pouco tempo (as aulas se iniciaram em fevereiro e as observações foram feitas entre Abril e Outubro), não houve melhoria significativa na disciplina da turma ao longo desse período, sendo que quando ocorrem aulas em sala, se dispersam muito facilmente, ficando assim muito difícil de a professora trabalhar com os conteúdos propostos (ela se baseia parcialmente no Caderno do Professor e do Aluno do Estado de São Paulo).

A turma só para de conversar e se mantém atenta na aula quando a professora negocia o tempo de uso da quadra com eles, ou quando a aula já começa na quadra, sendo que ficam com medo de que ela volte com eles para a sala de aula. Sendo assim, tal estratégia não deve ser desconsiderada ou apontada como sendo negativa, pois é a maneira como a professora encontrou de lidar com a indisciplina da turma e conseguir trabalhar o conteúdo previsto. Já se pode perceber que o fato das aulas ocorrerem em sala ou em quadra é um fator de influência na participação e na motivação dos alunos em aula; como é possível observar na resposta dos alunos à diferentes questões; como a motivação deles para participar da aula e as atividades que os mesmos gostam mais:

Existem alunos que se sentem mais motivados e os que se sentem menos motivados com a aula?)

Evaristo, 11 anos: Sim. Alguns alunos gostam mais de EF que outros, alguns gostam mais da professora do que outros e já ficam mais motivados pra aulas. Eles se desmotivam mais quando a aula é teórica. Quando é prática, todo mundo se sente motivado.

Leopoldo 12 anos: Sim, mas acho que a maioria não gosta da aula em sala. [...]

Existem atividades que você gosta mais ou menos? Por que você acha que algumas atividades lhe agradam mais e outras menos?

Leopoldo: Sim, eu gosto mais quando é em quadra, quando é em sala eu não gosto. Na sala tem que ficar escrevendo, aí cansa”

Além de apontar que o local onde a aula ocorrerá e se ela terá teor prático ou teórico são fatores de influência sobre a motivação e participação dos alunos, as entrevistas apontam outra questão: alguns alunos veem a aula de Educação Física como espaço recreativo, pouco comprometido com a aprendizagem de conteúdos:

Você acredita que os seus colegas de turma têm jeitos diferentes de participar da aula?

Leopoldo: Eu acho que sim, há pessoas que participam por participar porque gostam de brincar na quadra e na sala não participam porque não gostam.

Entrevistador: E por que eles gostam na quadra e na sala não? Porque na quadra podem brincar e na sala não?

L: Sim

E: Então eles não veem a Educação Física como um lugar para aprender, e sim para brincar?

L: Sim

Apesar de a professora efetuar um trabalho que busca equilibrar a quantidade de aulas teóricas e práticas, o que impõe muito mais seriedade do que uma Educação Física predominante ou exclusivamente procedimental, o aluno aponta que alguns de seus colegas possuem essa concepção.

É uma turma bem interessada nos conteúdos, principalmente quando já tiveram contato com os mesmos ou quando a aula é prática. A professora nunca deixa um aluno que não esteja interessado fora da aula, ela diz que não podem ficar sentados na arquibancada sem um motivo plausível, e caso o aluno não participe da atividade mesmo assim, ela o deixa com falta na aula em questão. Sendo assim, é muito difícil algum aluno estar de fora da atividade em quadra, isso só ocorre quando tem atestado médico ou quando, por indisciplina na atividade, a professora o deixa na arquibancada, sentado, para pensar sobre o que fez. Além de deixar o aluno que não faz a atividade com falta, ela não aceita que o mesmo entregue o relatório referente à aula, ficando sem sua respectiva nota.

Tal atitude da professora é positiva, o mesmo ocorre em uma aula de português ou história, por exemplo; o aluno é penalizado com decréscimo em sua avaliação. Apesar disso, essa atitude não é suficiente. Em um primeiro momento, é possível olhar para um cenário como esse e afirmar “todos os alunos estão participando da aula, pois estão todos

fisicamente dentro da atividade”, porém, essa afirmação é equivocada (JACO, 2012). A autora aponta que a questão “participação e/ou não-participação das aulas de Educação Física” vai muito além do binarismo “estar x não estar” fisicamente na aula, pois os alunos atribuem diferentes significados e se apropriam de diferentes maneiras da atividade.

4.3 Ocorrência de diferentes maneiras/estilos de participar da aula

Alguns alunos correm atrás da bola, se empolgam com as jogadas, pedem passes, negociam regras com o professor. A esse grupo de alunos, Jaco (2012) chamou de “protagonistas”. É importante frisar que o fato de um aluno ser categorizado como protagonista da atividade não significa que seu desempenho é superior ao dos colegas ou que ele é um dos que mais pontuou ou ajudou a equipe, apenas que está entretido e interessado na atividade, participando dela da melhor maneira possível.

Outro grupo de alunos se mantém parado durante boa parte do tempo da atividade, desvia da bola, não pede sua posse, posiciona-se em porções mais periféricas do espaço de jogo e não demonstra o mínimo interesse em participar. A esse grupo de alunos, a autora chamou de “figurantes”.

Pudemos observar alunos que em todas as aulas apresentaram o comportamento de “protagonistas”, mesmo quando não possuíam domínio algum do conteúdo, como no Handebol. Uma menina mostrou um estilo de participação semelhante ao definido como macho por Griffin (1985), em uma aula em que foi trabalhada a queimada, pois se relacionava com superioridade em relação aos colegas, agia com agressividade com os mesmos quando cometem erros e comandava o time; além de possuir um alto nível de habilidade.

Em uma das aulas nas quais a professora trabalhou o handebol, essa mesma menina, Noêmia, pedia a posse de bola incessantemente para as pessoas que estavam em seu time, corria a fim de se desmarcar para receber a bola e reclamava com a professora quando alguma regra não era seguida. Esse comportamento se encaixa no que JACO (2012) definiu como “protagonista”, e o padrão descrito como macho por GRIFFIN (1985) se encaixaria como protagonista na definição dada por Jaco, pois participam com entusiasmo da atividade.

Apesar de não obter muito sucesso em boa parte de suas ações quando recebia a bola, a garota persistiu interessada no jogo e agindo como protagonista. Longe de apontar esse comportamento de interesse pela atividade mesmo após falhar algumas vezes, como inesperado, apresentamos aqui trechos de duas entrevistas:

E:Existem atividades que você gosta mais ou menos? Por que você acha que algumas atividades lhe agradam mais e outras menos?

Noêmia 11 anos:Algumas eu gosto mais porque tenho mais habilidade, outras eu não gosto muito porque eu não consigo fazer e tenho menos habilidade que nas outras

Nessas que não gosta muito, ou não tem nenhuma habilidade você se sente incluída?

N:Sim

E:Existem atividades que você gosta mais ou menos? Por que você acha que algumas atividades lhe agradam mais e outras menos?

Amadeu 11 anos: Existem. Porque tem umas que eu consigo fazer, outras eu já não sei.

E: Algumas você consegue e algumas você tem dificuldade?

A: Sim

Aqui, dois alunos afirmam que não gostam de algumas atividades porque não conseguem realizá-las e que preferem as atividades nas quais possuem maior nível de habilidade. Cinco dos doze alunos entrevistados responderam à questão número 5 (existem atividades que você gosta mais ou menos? Por que você acha que algumas atividades lhe agradam mais e outras menos?) de maneira com que sua resposta pudesse ser enquadrada na categoria “Sim, pois algumas eu sei jogar melhor que outras”.

A motivação para praticar uma determinada atividade está muitas vezes relacionada com o nível de habilidade ou o contato prévio que o aluno possui com aquele conteúdo. Jaco (2012) aponta que a maioria dos alunos do grupo “protagonistas” de ambas as escolas que observou em sua pesquisa possui apoio social para prática de atividades corporais institucionalizadas (aulas de futsal em “escolinhas” ou aulas de *ballet* em academias especializadas, por exemplo) ou livres (ir ao parque brincar no final de semana ou sair para andar de bicicleta) fora do ambiente escolar por parte da família; enquanto os alunos integrantes dos grupos “flutuantes” e “figurantes” não possuem apoio social por parte da família para a prática de atividades institucionalizadas, e poucos desses dois grupos possuem apoio social para a prática de atividades livres.

Essa é uma demonstração de que o nível de habilidade do aluno e/ou o contato prévio que o mesmo possui em determinada atividade influenciam na maneira como participará da aula; o aluno que possui maior habilidade tende a participar com maior entusiasmo e interesse pela aula, enquanto o aluno que possui menor habilidade tende a se desinteressar pela aula, estando ali apenas de corpo presente. A perda de interesse e

motivação para participar de uma atividade pode acontecer caso o aluno se sinta envergonhado em não desempenhar tão bem quando em uma com a qual possui maior habilidade, ou ainda pelo fato de o aluno não conseguir obter sucesso em boa parte de suas ações, se sentindo frustrado. Apesar disso, alguns alunos não se sentem desmotivados a praticar determinada atividade mesmo não tendo habilidade ou contato com o conteúdo. É o caso da garota exemplificada acima com o comportamento de “protagonista”.

Outro dado de como o desempenho do aluno na atividade interfere na sua motivação e interesse por participar da mesma é retirado do diário de campo de uma aula em que foi praticada a brincadeira “estátua”:

[...] A atividade de estátua se desenvolveu de uma tal maneira que um aluno falava “estátua” em um momento a escolher e os outros paravam no lugar, sendo que esse primeiro aluno tinha as funções de verificar se os colegas estavam realmente parados (caso alguém se mexesse o mesmo auxiliava o primeiro aluno até que todos “perdessem”, ou seja, saíssem da posição) e também de tentar distraí-los.

O aluno Geraldo parece influenciar bastante a turma, quando foi o escolhido para falar “estátua”, antes que seus colegas começassem a se mexer pela quadra, dava orientações em voz alta para que se espalhassem pela quadra, e seus colegas aparentam respeitá-lo bastante. [...]

[...] O aluno Geraldo, que se mostrou ser um dos alunos que detêm o protagonismo na turma se retirou da atividade na segunda vez que ela ocorreu. Questionei-o porquê havia saído da atividade e o mesmo me disse que gostava da brincadeira, mas saiu porque “havia perdido” (ou seja, estava em estátua e alguém o fez se mexer, tirando sua concentração; assim, não teria mais a oportunidade de “vencer” a atividade, ou seja, ser o último a se mexer). Eu disse para ele que não precisava sair da atividade, e que quem não estivesse mais em estátua poderia continuar participando, tirando a concentração dos colegas. Ele disse “não gosto de perder”. [...] (Diário de campo, nota 4, 05/05/2018).

Podemos identificar aqui que, pelo fato de se retirar da atividade quando não possuía mais o protagonismo (pegador) e não possuía mais possibilidade de ser o último a se mexer e vencer a atividade, o aluno não aprendeu a lidar com frustrações e tem a expectativa de que sempre irá vencer, não tendo a compreensão de que a atividade demanda a participação de todos para que ocorra de maneira fluida. Ou seja, pode se identificar um certo egoísmo por parte do aluno Geraldo, pois só se interessa pela atividade quando está ganhando, e não se importa com o desenvolvimento da brincadeira para todos, e sim somente com seu sucesso e autoafirmação.

Com o comportamento acima descrito, podemos caracterizar um novo estilo de participar das aulas: O/A egoísta. O estudante só se interessa pela aula e participa da mesma com entusiasmo quando tem um certo nível de habilidade e/ou desempenho na atividade. Em

outras palavras, pode se dizer que o aluno “não sabe perder”. Além disso, o aluno gosta de resolver o jogo sozinho, arremessa a bola ao gol, ainda que mal posicionado, sempre que pode, não divide a posse de bola com os colegas na queimada e constantemente pede a mesma para seus colegas. Segue um trecho de um diário de campo de uma aula de queimada:

No time das meninas, a bola passou a maior parte do tempo na mão de poucas alunas, que mesmo já tendo arremessado várias vezes, pedem a bola para as colegas que ainda não tentaram queimar o outro time. A Eduarda foi a responsável por mais da metade dos arremessos para a quadra adversária, sendo que a equipe era composta por 16 alunas. Ela passou a bola para uma colega no “morto” somente uma vez na partida, sendo que era uma situação em que seria muito difícil conseguir queimar alguém, pois os meninos estavam longe dela.

Ela tem um nível de habilidade mais alto que da maioria e assume papel de liderança, sendo que algumas colegas de equipe lhe passam a bola; ainda que estejam com ela na mão e não tiveram a oportunidade de arremessar. Além disso, quando uma colega consegue pegar a bola no chão e arremessa a bola sem sucesso, ela reclama e eventualmente zomba da aluna que o fez. Em um momento, ela diz para uma colega que errou: “se fosse para jogar assim passava a bola que eu jogava”. (Diário de campo, nota 9, 04/09/2018)

É importante lembrar que em uma aula com um elevado número de estudantes (mais de 30), é costumeiro que fique combinado entre os alunos e/ou dos alunos com o professor, que a pessoa que vai arremessar a bola tentando queimar alguém do time adversário não é sempre aquela que se encontra melhor posicionada, mas também aquela que “está na vez”, ou seja, é feito um rodízio para que todos possam arremessar a bola aproximadamente a mesma quantidade de vezes. Apesar disso, esse combinado implícito nem sempre é seguido e poucos alunos reclamam.

Aqui estão dois trechos de um diário de aula de handebol que exemplificam o estilo de participação “egoísta”, em um deles a estudante que apresenta tal comportamento é a mesma supracitada (Eduarda):

[...] Um aluno passou a partida toda reclamando dos colegas, pedindo a bola (e recebendo-a) e tentando resolver o jogo sozinho. Quando algum colega lhe pedia a bola ou lhe avisava que estava em posição para receber, ele ignorava. [...]

[...] Nesse jogo, a Eduarda agiu de maneira semelhante ao Nicolas, porém, sem reclamar do resto do time. Ela pedia a bola constantemente e sempre tentava arremessar, mesmo fora de posição. Ainda que a professora tenha orientado sobre as marcações, ao invés de marcar por zona, como havia sido instruída, a aluna corria atrás da bola quando seu time não tinha a posse, tentava marcar qualquer uma que estava com a bola. [...] (Diário de campo, nota 12, 30/10/2018).

Essa menina apresenta indícios de enquadramento no estilo definido como “egoísta”, por nessa ocasião ter se comportado de tal maneira na aula. Sobre o assunto, é

importante que o docente esteja atento nos alunos que apresentam esse tipo de comportamento, pois os outros estudantes podem se sentir deixados de lado, e o aluno que age de tal maneira pode se acostumar a tentar resolver os dilemas sozinho, tendo dificuldades para entender como funciona o trabalho em equipe e a cooperação.

Outro exemplo é identificado como comportamento “egoísta”: trata-se de uma aula na qual ocorreria uma apresentação de seminário em que os alunos do grupo que estava apresentando deveriam trazer uma brincadeira para a turma e elaborar um cartaz. A brincadeira em questão se chama “elástico”, e faz o uso de um elástico comprido que é passado ao redor do corpo de duas pessoas, que ficam de frente uma para a outra, afastadas aproximadamente 1,5m. Feito isso, uma terceira pessoa pula no meio do elástico e começa a fazendo movimentos com as pernas, pisando sobre o elástico e entrelaçando-o entre suas pernas de maneira específica. Quando consegue completar a sequência, os alunos que seguram o elástico com os tornozelos sobem o elástico para a altura dos joelhos, em seguida na cintura. Segue um trecho do diário de campo:

[...] Algumas meninas da turma tinham maior habilidade que os meninos, que ficaram um pouco frustrados, ridicularizando o desempenho das colegas:

“Ah, mas essa brincadeira é mó chata, no futebol eu sou melhor”

Após 15 minutos de aula, ele sentou-se na arquibancada, falando que a brincadeira era chata. A professora o advertiu duas vezes que ele ficaria com falta, mas ele disse não ligar. (Diário de campo, nota 6, 22/05/2018)

O menino que fez isso é um garoto que participou com entusiasmo e assumiu papel de protagonista em aulas de esportes coletivos. Ele se chama Hugo. Quando ele tem um bom desempenho e atua como protagonista, tem interesse pela atividade, porém quando é algo novo que não conhece e vê que as meninas possuem maiores conhecimentos, menospreza a atividade. É provável que essa atitude seja tomada com o intuito de tirar a atenção do fato de que não estão obtendo protagonismo, como nas aulas de queimada ou futsal.

Um aluno da turma mostrou-se protagonista das atividades em todas as aulas em que acompanhamos. Além disso, olhando para os padrões descritos por Griffin (1985), pudemos identificá-lo flutuando entre os padrões Macho e Nice Guy. Segue um trecho do diário de campo de uma aula de queimada:

Um menino (Geraldo) queria o tempo todo a bola para si. Após ele ser queimado e ir para o espaço do “morto”, tomou um dos três quadrantes para si e dominou a posse de bola, sendo que ao recebê-la raramente a passava para algum dos colegas, estando

o colega ainda em jogo ou no “morto”. Esse aluno ficou o jogo inteiro gritando com os colegas e dando ordens, como se fosse um técnico de um time de futebol na beirada do campo, porém, de forma não-agressiva.

Observei que uma aluna que havia sido queimada e estava no morto do time desse menino ficou boa parte do jogo sentada no canto, sem jogar, e em um momento ela pegou a bola e deu a volta na quadra para entregá-la a esse menino. Após isso, ela só passava a bola para ele, mesmo que não fosse oportuno. (Diário de campo, nota 1, 10/04/2018)

Nesse dia, o aluno Geraldo se comportou de maneira bem semelhante à qual a autora descreveu o padrão de participação “macho”. Apesar disso, não estava agindo de forma agressiva, então esse comportamento exemplifica o estilo de participação aqui descrito como “egoísta”, pois tomou um dos 3 quadrantes do morto para si, fazendo com que o restante dos alunos que estava no morto do seu time tivesse que se distribuir em um espaço menor, enquanto ele ficava com cerca de 40% do morto (uma das laterais).

Curiosa observação que em outro momento de aula, também ao trabalhar o jogo queimada, o mesmo se comportou de maneira mais semelhante ao padrão de participação Nice Guy, que possui um nível de habilidade semelhante (também alto), porém difere no trato com os colegas, que permite e contribui com a participação dos colegas menos habilidosos, não reclama ou acha ruim se algum colega tem contato com a bola e faz uma jogada que não dá certo ou a entrega para o outro time.

O aluno Geraldo, que apresentou em outras aulas características do padrão de participação “macho” (aquele que prefere jogar sozinho, não confia na capacidade dos menos habilidosos, e ainda é tratado como líder pelo resto da turma), recebe a bola de seu time a todo momento, pois tem mais força e precisão no arremesso. Ainda assim, quando é mais vantajoso, ele passa a bola para os colegas que não estão em melhor posicionamento para queimar, porém ainda não tiveram contato com a bola. Ainda assim, Geraldo não deixou de assumir papel de líder nessa aula:

O aluno Geraldo tem alta influência sobre a turma, quando ocorrem pequenas discussões sobre se alguém foi queimado ou não, ou ainda, se a bola estava no campo de um time ou de outro, ele busca mediar a situação entre os envolvidos para que entrem em um acordo. Observando a postura dele entendi que o intuito é resolver as discussões o mais rápido possível, para que não percam tempo de jogo. (Diário de campo, nota 9, 04/09/2018).

Podemos observar que o padrão descrito como Nice Guy por Griffin (1985) e o estilo aqui descrito como “egoísta” são opostos, diferindo no quanto o estudante oportuniza

que seus colegas participem da atividade. Gostaríamos de saber qual haveria sido o fator que influenciou a sua mudança de comportamento de um dia para o outro. Teria sido advertido pela professora ou teve problemas de relacionamento com a turma? Teria tido problemas em casa no dia em que se demonstrou mais autoritário (macho)?

É importante a investigação dessa questão, pois assim será possível identificar o que influencia no comportamento mais dócil e pensando no coletivo ou num comportamento mais autoritário e “egoísta”, pois assim, o professor consegue proporcionar condições para que o primeiro (Nice Guy) se apresente com maior frequência, o que é positivo para o desenvolvimento da aula.

O comportamento de “figurante”, ou seja, o estudante que não participa da aula com entusiasmo, não pede a posse de bola e se posiciona em porções periféricas do espaço de jogo, também pode ser observado, em especial quando muitos alunos participavam de uma atividade ao mesmo tempo, ou eventualmente quando algum deles tinha muita dificuldade em obter a posse de bola ou de “mexer no jogo”. Segue um trecho de um diário de campo de uma aula de Handebol em que todos os alunos estavam participando (cerca de 20 em cada time):

[...] Assim como na aula anterior, houve muita aglutinação ao redor da bola e muitos alunos tiveram pouco ou nenhum contato com a mesma, devido ao excesso de alunos em quadra. Em um momento, uma menina diz em voz alta “eu vou parar de jogar, eu nunca recebo a bola”. Em seguida, se dirigiu a uma porção periférica da quadra e ficou conversando com uma colega que estava parada. [...] (Diário de campo, nota 10, 16/10/2018).

Esse comportamento pode ser enquadrado no padrão de participação que Griffin (1984) categorizou como Lost Soul, que foi descrito como feminino. O estudante é invisível no jogo e não se envolve com o mesmo. A maioria dos seus contatos com a bola resulta em falha e sempre escolhem posições periféricas do espaço de jogo para terem menos chance de ter contato com a bola. A autora aponta que os companheiros de time e os adversários “contribuem com a atitude de auto exclusão das almas penadas ao ignorarem elas durante o jogo, e foi o que ocorreu aqui.” Ao perceber que não estava sendo vista pelos seus colegas no jogo pois não recebia a bola, a menina foi até o canto da quadra e ficou conversando com outra menina que apresentou comportamento semelhante. O padrão definido como Lost Soul por Griffin pode ser comparado à categoria figurante descrita por Jaco (2012), pois o estudante se posiciona em espaços periféricos da quadra e não se envolve com o jogo, apesar de estar fisicamente dentro dele.

Um padrão de participação descrito por Griffin (1985) para os meninos pode ser observado em ambos os sexos e em diversos alunos nessa aula e em uma aula anterior, em que a professora também fez uma partida com todos os alunos. Trata-se do padrão Invisible Player. É caracterizado pela habilidade do aluno de simular estar envolvido na atividade sem realmente participar. Ao invés de se posicionar em uma porção periférica da quadra, corre junto com o jogo, seguindo a bola e os colegas que têm a sua posse. Apesar disso, quando a bola vem em sua direção, evitam contato com a mesma e os colegas raramente lhe passam a bola. Pudemos observar alunos que apresentavam comportamento bem semelhante a esse descrito; e também alunos que apenas corriam junto com a bola, porém mantinham contato com ela e se mantinham empolgados e entusiasmados quando isso acontecia.

O excesso de alunos em quadra jogando uma mesma partida é negativo para a participação e envolvimento de todos. A bola fica em posse de cada aluno por pouco tempo ao longo do jogo, além de ficar muito difícil para o time estruturar suas jogadas, pois grande parte dos alunos corre na direção da bola independentemente de onde ela for, sendo que poucos buscam se afastar dela e se posicionar para recebê-la. Além disso, os alunos que possuem menor habilidade recebem a bola menos vezes, pois a turma costuma colocar maior confiança naqueles que ocupam posições de dominância e protagonismo (agora não no sentido da categoria de Jaco, mas como possuindo influência sobre o time e habilidade elevada).

Na aula seguinte, a professora dividiu a turma inteira em times de 7 alunos, com um na linha e seis no gol, e o comportamento de figurante não foi observado em nenhuma das cinco partidas disputadas. Todos os alunos iam para o ataque junto com o time e se posicionavam na defesa para fazer a marcação em zona quando não tinham a posse de bola, nenhum estudante se posicionou em porções periféricas do espaço de jogo ou ficou parado e/ou evitando contato com a bola. É evidente que a redução no número de alunos em quadra (apesar de isso implicar na necessidade de que parte da turma espere sentada) proporciona maior oportunidade de que todos os alunos de fato participem, e não apenas corram atrás da bola de um lado para o outro.

Devido ao fato de a professora não permitir que os alunos ficassem de fora da aula, raramente pudemos observar o comportamento de excluído. Uma menina possui atestado médico para não participar da aula, pois tem um problema na coluna, então fica sentada observando a aula e entrega o relatório na aula seguinte. O comportamento de excluído só foi observado quando algum aluno tinha atestado médico ou quando realmente não queria participar da aula, pois como supracitado, o aluno que não participa fica com falta.

É importante também levantar o questionamento: caso a professora permitisse que os alunos ficassem de fora das atividades, eles o fariam? Em alguns casos, é provável que sim. Segue um trecho de um diário de campo de uma aula de queimada:

[...] 3 meninas ficaram no canto do morto, do mesmo time, brincando de outras coisas, como virar estrelinha e brincadeiras cantadas, nem um pouco interessadas com o que acontecia no jogo de queimada. [...] (Diário de campo, nota 1, 10/04/2018).

Segue outro trecho do diário de campo da aula na qual a professora permitiu que a turma toda jogasse handebol simultaneamente:

[...] As mesmas duas meninas que sempre ficam dançando durante o decorrer das atividades repetiram essa atitude. Perguntei à professora o motivo de elas sempre fazerem aquilo e ela disse: “Elas não levam a sério, eu já tentei de tudo”. [...] (Diário de campo, nota 10, 16/10/2018)

A falta de interesse pela atividade resulta na distração, o que é evidenciado quando se observa que as alunas se ocupam com outras atividades que não a em questão (queimada). As 3 meninas, quando não haviam ainda sido queimadas, tiveram pouca participação no jogo, quase não receberam a bola, e quando a recebiam, rapidamente passavam para algum colega, evitando se envolver com o jogo. Caso a professora permitisse que se ausentassem da aula, elas provavelmente o fariam, passando de uma maneira de participar descrita como Figurantes para a maneira Excluídos.

O comportamento das alunas descrito acima indica que o seu entusiasmo para participar da atividade é nulo. Elas se dedicam pouco com a aula de Educação Física, agindo como se estivessem no horário de intervalo, e isso ocorreu em todas as aulas que observamos. Griffin (1984) descreve o padrão de participação feminino *Femme Fatales*, que se assemelha um pouco com o comportamento apresentado por essas meninas. As *Femme Fatales* são alunas com baixo, médio ou alto nível de habilidade que não possuem interesse nenhum na atividade e fazem piada da situação, fazendo brincadeiras e não prestando atenção nas explicações do docente e no andamento do jogo. Além disso, a autora observou que as *Femme Fatales* são muito preocupadas com sua aparência física e com as impressões que causam nos garotos, porém não pude observar essa característica nas duas meninas, apenas o desprezo pela aula e pela atividade.

Com o fato de as meninas terem comportamento semelhante ao descrito pela autora, porém diferirem por não se importarem com a impressão que causam no menino, criamos aqui um novo estilo de participação: o “Distraído”. O estudante mantém sua atenção em qualquer coisa que não seja a aula. Se mantém fisicamente na mesma, pois é obrigado pelo docente, porém brinca de outras coisas, conversa, vai para posições mais periféricas e faz piada com tudo. É provável que esse estudante acabe influenciando outros, como ocorreu algumas vezes com essas meninas; uma começava a dançar e as outras chegavam perto e dançavam junto, assim como quando uma delas começava a fazer brincadeiras.

O docente deve se atentar a tal tipo de comportamento, pois a obrigatoriedade de estar em quadra pode causar a falsa impressão de que o aluno está participando da aula. Em uma aula de futsal foi feita uma atividade em que quando um time perdia a posse de bola, o mesmo saía rapidamente da quadra e dava lugar a outro time, que estava esperando. Essa atividade demanda atenção dos alunos, pois devem entrar rapidamente na quadra para evitarem de tomar gol. Seguem um trecho do diário dessa aula que exemplifica o estilo Distraído:

[...] Boa parte dos alunos, em especial de um dos times, se sentava quando estava esperando na fila e perdia tempo para entrar em jogo, ou o time que perdia a posse de bola demorava para sair. Reparei que essa postura foi mais da parte das meninas, que acabaram se agrupando nas mesmas equipes, mesmo com a divisão tendo sido feita pela docente. Elas ficavam conversando e duas delas ficavam dançando o tempo todo, as mesmas que assumiram a mesma postura em outras aulas. Isso comprometeu sua participação nas aulas, pois não prestam atenção na atividade. Com isso, demoravam muito para entrar em quadra, atrapalhando o desenvolvimento da atividade [...] (diário de campo, nota 8, 28/08/2018).

Esse tipo de comportamento pode ser negativo para o desenvolvimento da aula, pois além de distraírem os outros estudantes com seu comportamento, os distraídos podem perder o tempo da atividade, demorando para agir em situações-chave, chegando até a prejudicar o seu time, o que pode vir a ter influência sobre a motivação dos colegas.

Pôde ser observado no decorrer da pesquisa a existência de diferentes estilos de participação em aulas. Algumas categorias propostas por Griffin (1984, 1985) puderam ser observadas de maneira bem semelhante à descrita pela autora, em outros casos, o comportamento do aluno diferiu em alguns pontos do que foi descrito, dando margem à criação de novas categorias. Foi o que aconteceu com o estilo distraído, que derivou do padrão *Femme Fatale*. As entrevistas mostraram que os alunos entendem que cada um atribui diferentes significados à aula, possuindo um jeito diferente de participar dos colegas:

Você acredita que os seus colegas de turma têm jeitos diferentes de participar da aula?

Amélia 11 anos: Alguns têm, porque uns agem diferente, por exemplo, o Nicolas, quando a profa. fala pra ele parar ele não para, rouba a bola até de quem é do time dele, não sabe jogar direito.

Entrevistador: E você acha que existem alunos que respeitam mais os colegas e outros menos, outros se envolvem mais e uns se envolvem menos com a aula?

A: Acho que alguns se sentem menos à vontade, porque quando acaba a aula de EF eles falam que não gostaram da aula, já outros falam que foi boa e querem fazer relatório.

O comportamento do aluno Nicolas, descrito pela Amélia é o que foi caracterizado como o “Egoísta” nesse trabalho.

Jorge 12 anos: Com certeza. Quando a gente realiza uma atividade cada um pode participar de um jeito diferente, quando a gente joga futebol cada um tem um jeito diferente de manusear a bola.

Entrevistador: Mas isso que você falou é sobre o nível de habilidade, quer dizer que alguns jogam um pouco melhor e outros não jogam tão bem, certo?

J: Sim

E: Mas você acredita que cada um tem um estilo? Por exemplo: dois alunos jogam um tão bem quanto o outro, sabem driblar, chutar do mesmo jeito, mas eles têm estilos diferentes de participar da aula?

J: Tem alunos que falam mais na aula, tiram mais dúvidas, levantam mais a mão. Agora tem alguns, que nem eu, que ficam mais quietos.

Existem alunos que participam mais e os que participam menos?

Horácio 12 anos: Sim. Alguns alunos, a minoria fica parada, falando que a aula tá chata, ficam falando que a aula está chata e andando de um lado pro outro, na aula de queimada, por exemplo. E tem uma menina que tem problema na coluna que não pode participar

A turma entende que existem, sim, diferentes estilos de participar das aulas de Educação Física. Dez dos doze alunos com os quais realizamos a entrevista responderam à questão um (Você acredita que os seus colegas de turma têm jeitos diferentes de participar da aula?) de maneira com que sua resposta pudesse ser enquadrada na categoria “Sim”.

4.4. O *Bullying* como fator de influência na participação e na motivação dos estudantes

Outro fator que pode ocasionar em menor motivação e interesse para a prática de uma atividade é o *Bullying*. Ao fracassar em uma ação e ser ridicularizado pelos colegas, o aluno pode se sentir desmotivado a participar da aula, passando a assumir um papel de figurante. O papel docente é muito importante no que tange à elaboração de estratégias para evitar a ocorrência de situações de *Bullying* (BOTELHO; SOUZA, 2007). Segue um trecho de um diário de campo em um momento em que a professora conversava com a turma na arquibancada:

[...] Em seguida ela disse que os alunos não devem ficar comentando e notando a maneira como os colegas jogam, e que todos têm o direito de participar, tanto meninos quanto meninas. Disse também que não está ali para formar atletas, e sim ensinar [...] (Diário de campo, nota 7, 29/05/2018).

Durante a observação não pudemos identificar situações de violência repetitiva e sem motivação evidente que caracterizassem o *Bullying*, porém as entrevistas com os estudantes revelaram situações das quais não ~~não~~ tínhamos conhecimento:

Existem alunos que se sentem mais motivados e os que se sentem menos motivados com a aula?

Natália 12 anos: “Sim, tem alunos que ficam com vergonha, porque sabem que os colegas vão zoar. Mas se a professora vê ela dá bronca, eles fazem escondido. [...]”

Você se vê incluído (a) nas aulas de Educação Física ou se vê deixado (a) de lado? Por que?

Amélia: “Deixada de lado, porque quando a professora fala para tirar time, eu sempre fico por último para ser escolhida”.

Entrevistador: E por que você acha que isso acontece?

A: Acho que eu não tenho intimidade com os outros alunos, aí eles escolhem outra pessoa

E: E isso sempre acontece?

A: Não, só as vezes

E: E na sala de aula?

A: Às vezes eu converso bastante, às vezes eu fico mais na minha.

E:Então seus colegas te respeitam?

A: Agora sim, não fazem mais bullying. Quando eu cortei o cabelo, eles vinham, perguntavam meu nome, eu falava e eles saíam dando risada.

E: E isso não acontece mais?

A: Não, eu não ligo mais também

A menina que afirma ter sofrido *bullying* quando cortou o cabelo, possui o cabelo bem curto. É construído socialmente que homens usam cabelo curto e mulheres usam cabelo comprido; a pessoa que não segue esse padrão imposto é eventualmente vítima de ridicularização e preconceito. Pudemos reparar que essa menina não interage muito com o resto da turma nas aulas práticas. Nas aulas teóricas conversa com quem está perto, porém nas aulas práticas não conversa muito com os colegas e não interage com o time pedindo a posse de bola, por exemplo. Além disso, como ela mesma afirmou, é uma das últimas a ser escolhida quando os times são escolhidos, então a aluna é preterida pela turma.

Os mesmos sabiam o nome da menina, pois estudam com ela todos os dias; porém, quiseram ridicularizá-la pelo fato de ter o cabelo curto, pois na concepção dos mesmos, meninas devem ter o cabelo comprido. Ao obter a resposta da colega com um nome feminino (Andressa), os colegas riem, pois acham que é errado uma menina ter cabelo curto.

Nesse ponto podemos observar que os estudantes admitem determinadas maneiras de se vestir ou de se comportar como sendo adequadas a um sexo ou a outro. Além da queda na motivação para participar da aula ou ainda para frequentar a escola, situações desse tipo podem implicar em baixa autoestima, depressão e ansiedade, além de uma série de doenças de origem psicossomática (BOTELHO; SOUZA, 2007).

É pouco comum que a vítima do *bullying* se manifeste contando a alguém sobre o assédio sofrido, a não ser que veja que realmente será ouvida (LOPES NETO, 2005). É provável que a professora não houvesse tomado conhecimento de tal situação e que a aluna viu a entrevista como uma oportunidade de contar isso para alguém. O *bullying* ocorre de maneira silenciosa, e o docente pode sentir dificuldade em identifica-lo.

Outra aluna respondeu à questão número sete da seguinte maneira:

Noêmia: Eu acho que não, porque tem meninas que jogam até melhor que os meninos, acho que isso não faz diferença.

Entrevistador: E sobre se envolver na aula, respeitar os colegas, ninguém é desrespeitado por ser menino ou menina?

N: Ah, sim. Tem meninos que zoam as meninas porque são meninas e estão fazendo aquela atividade. E na sala também tem meninas que zoam os meninos por praticarem esportes de menina. Se o menino joga vôlei e a menina futebol por exemplo...ficam falando pro menino “ah você é menina” ou ficam falando pra menina “você é mulher-macho” e coisas assim

E: E a professora não viu isso? Eles fazem escondido?

N: Não, a gente fala para a professora e ela fala que não tem problema, que é pra ignorar, pra relevar...aí dá uma bronca e é isso [...]

A professora, que em uma aula orientou os alunos a não repararem ou comentarem na maneira como os outros participam da aula, como supracitado, adota uma postura passiva frente à reclamação de alguns estudantes sobre uma situação semelhante. Segundo a menina, ela chama a atenção dos agressores, por outro lado, diz que “não tem problema”, diminuindo a gravidade da situação.

Ao agir de tal maneira, a docente assume que é normal os alunos fazerem tais afirmações, apesar de ter tido um discurso de quem espera que os alunos não façam distinção das atividades por sexo no início de uma aula de futsal:

[...] Após isso ela disse “Meninas, essa história de que o futebol é só para homem ficou no passado, vocês podem e devem jogar e jogar junto com os meninos” [...] (Diário de campo, nota 7, 29/05/2018).

Essa atitude da professora é contraditória. A escola é um ambiente em que as diferenças e desigualdades de gênero são produzidas e reproduzidas (LOURO citado por FRANÇA; CALSA, 2010). O docente deve ter um papel ativo na problematização de questões referentes às matrizes que constituem socialmente os corpos masculinos e femininos. Apesar de a professora falar com eles que tal concepção é inadequada, quando lhe trazem uma reclamação de uma situação semelhante, ela não intervém no sentido de provocar a reflexão nos alunos, apenas “dá uma bronca”.

Até aqui nessa seção pudemos observar que alguns estudantes possuem concepções sólidas sobre o que é adequado ou inadequado para meninos e meninas; e como essas concepções podem submeter outros estudantes a situações de constrangimento e bullying. A próxima seção se encarregará de discutir como se dão as relações de gênero nas aulas da turma pesquisada e como o sexo do estudante é um fator de influência na maneira como o mesmo participa das aulas, criando-se assim um ambiente de desigualdade de gênero, no qual as meninas saem prejudicadas.

4.5. Marcadores de gênero presentes nas aulas de Educação Física

Foi possível identificar vários pontos que indicam que a participação de meninos e meninas é desigual, tanto nas observações quanto nas entrevistas. O envolvimento de uma parte das com algumas atividades é baixo, enquanto a grande maioria dos meninos corre atrás da bola, tenta marcar pontos e tenta causar certa influência no jogo.

Boa parte dos meninos não obtém sucesso em suas ações, e o desenvolvimento das jogadas se dá sempre através da participação dos mesmos. Segue um trecho do diário de campo do primeiro dia em que observamos uma aula prática com essa turma, enquanto os alunos jogavam queimada:

A bola esteve na maior parte do tempo em posse dos (mesmos) meninos. Os alunos e alunas não costumam rodar muito a bola, sendo que quando surge a oportunidade atacam o adversário sem tentar outras possibilidades com os colegas.

Apesar de ser claro que a confiança nas habilidades de algumas alunas por parte dos meninos serem muito baixas, esse não é o único fato que leva ao fato de a posse de bola raramente estar com uma menina. Elas se mantêm em posições distantes, quando alguém do seu time possui a posse de bola, elas não pedem a bola e geralmente ficam atrás da pessoa que está com a bola. Ou seja, não se “impõem” no jogo como os meninos. [...] (Diário de campo, nota 1, 10/04/2018).

Ao ser questionado na entrevista se acreditava que havia alguma diferença na maneira de participar entre meninos e meninas, o aluno Hugo respondeu: “*Não. Alguns meninos têm habilidades a mais, só isso*”.

É perceptível que os meninos acreditam que têm nível de habilidade maior que o das meninas, e eles de fato têm. Essa diferença no nível de habilidade entre meninos e meninas está longe de ser justificada por atribuições biológicas. Em geral, os meninos costumam ser mais estimulados pelos seus responsáveis a praticarem atividades físicas fora do ambiente escolar do que as meninas, ficando também mais livre para brincar e como consequência, possuindo experiências motoras mais ricas que as meninas (JACO, 2012). A autora chamou a esse estímulo de “apoio social”. Além disso, as brincadeiras que são apresentadas aos meninos são diferentes daquelas apresentadas às meninas.

É comum ver um menino ganhando uma bola de futebol como presente de aniversário, assim como é comum ver uma menina ganhando uma boneca, ou um kit de maquiagem; e não vice-versa. Meninos são estimulados a praticar atividades mais agitadas e que demandam força e velocidade, enquanto meninas são estimuladas a praticar atividades com caráter mais calmo e passivo (JESUS; DEVIDE, 2006; SOUZA JÚNIOR, 2004). Isso significa que as crianças são estimuladas a adotar determinadas práticas como brincadeira dependendo de seu sexo, e não do que lhes interessa mais.

Isso explica o fato de algumas meninas ficarem “perdidas” no jogo, elas têm pouca coordenação motora, e não conseguem obter sucesso quando tentam queimar alguém do time adversário; com isso, o time não lhes passa a bola. As alunas que recebem a bola e correm atrás da mesma quando cai no meio da quadra são sempre as mesmas, e não passam a

bola para aquelas que se sentem perdidas no jogo. Isso também ocorreu com os meninos menos habilidosos. Isso mostra que o fator de isolamento na atividade é o nível de habilidade, e não o sexo; porém, as meninas acabam sendo mais prejudicadas, pois em geral, possuem nível de habilidade mais baixo que os meninos nas atividades da Educação Física, justamente pelos aspectos citados no parágrafo acima.

Segue um trecho do mesmo diário de campo da aula de queimada que chamou bastante atenção:

[...] Um menino ficou no fundo da área de seu time por todo o tempo até ser queimado. Quando a bola vinha até a parte em que ele estava, o mesmo pegava a bola e a entregava para alguma menina que estava sem participar muito. Apenas em um dos momentos em que pegou a bola ele tentou queimar o outro time. [...] (Diário de campo, nota 1, 10/04/2018).

Esse menino se chama Jorge, tem um nível de habilidade mediano e não é muito competitivo. Na entrevista, mostrou ser um aluno muito interessado em aprender:

[...]E: Você se vê incluído (a) nas aulas de Educação Física ou se vê deixado (a) de lado? Por que?

J:Eu me vejo incluído, não só porque eu participo das aulas, mas também porque eu convivo com as pessoas, dou exemplos de como fazer as coisas e dou dicas de algumas coisas para fazer. Também tiro dúvidas.[...]

[...] E: Existem atividades que você gosta mais ou menos? Por que você acha que algumas atividades lhe agradam mais e outras menos?

J:Tem algumas atividades que eu não gosto tanto, outras eu gosto mais. Mesmo assim eu gosto de todas as aulas porque mesmo que a atividade é chata, é uma oportunidade de aprender. [...]

Jorge agiu como descrito acima apenas com algumas das meninas, aquelas que não conseguiam pegar a bola, pois não corriam como as outras. Assim, Jorge mostra que não se importa em competir ou mostrar mais habilidade, pois está ali para aprender. O mesmo mostra também se preocupar com que seus colegas aprendam junto com ele, evitando que alguém se sinta excluído.

O comportamento descrito acima se assemelha com o do padrão Nice Guy. A presença de alunos ou alunas com esse estilo de participação é importante para a inclusão dos alunos “figurantes” em qualquer atividade coletiva em Educação Física. É bem mais favorável e natural que os próprios alunos tenham ações no sentido de incluir os colegas figurantes do

que haja a necessidade de o professor fazer essa intervenção, gritando frases como “passe a bola para quem ainda não jogou”.

Assim como na pesquisa de Jaco (2012), pôde ser observado que o comportamento de figurante foi mais frequente entre as meninas do que entre os meninos. Algumas não chegam nem a tocar na bola durante toda a aula. Algumas, quando são queimadas, ficam distraídas com outras brincadeiras no espaço do morto, passando de figurantes ao estilo que foi descrito nesse trabalho como distraídos/as. Isso também ocorreu em uma aula de Handebol:

[...] Algumas meninas ficam em todas as partidas de braços cruzados, conversando, outras ficaram dançando, fazendo brincadeiras, ou andando de um lado para o outro. Já observei esse mesmo comportamento recorrente com duas meninas em várias aulas diferentes; enquanto a partida acontece, elas ficam dançando. As outras meninas, que ficaram de braços cruzados ou conversando, alheias ao jogo, chegaram a tentar receber a bola no começo da partida, mas não obtiveram sucesso. Boa parte dos alunos não tem nenhum contato com a bola ao longo de toda a partida. A maioria dos que compõem esse grupo é menina. [...] (Diário de campo, nota 10, 16/10/2018).

Ficou evidente que os meninos são mais confiantes de si e que se impõem mais nas atividades do que as meninas. A resposta do aluno Evaristo à questão número sete foi:

Sim, algumas meninas jogam melhor que os meninos, alguns meninos jogam melhor que as meninas, depende da atividade. Os meninos costumam se envolver mais na atividade do que as meninas, são mais competitivos. [...]

Segue mais um trecho do diário de campo de uma aula de queimada:

[...]Ao final da aula, estava conversando com um aluno do time que estava ganhando e perguntei a ele: “qual time você acha que iria ganhar se o jogo fosse até o final?” (O sinal tocou e o jogo não acabou). Ele disse “não sei, acho que o meu. As meninas da minha turma não participam, ficam com medo de jogar”, perguntei então se ele imaginava qual seria o motivo disso ele disse que não sabia. (Diário de campo, nota 1, 10/04/2018).

Esse “**medo de jogar**” descrito pelo menino com o qual conversei pode estar relacionado à falta de habilidade e/ou motivação de algumas meninas da turma, de acordo com a resposta dada pela Natália à questão sobre diferenças de participação entre meninos e meninas:

Sim, a menina tem mais medo de ser excluída, de ser julgada, as meninas se intimidam, não falam com a professora. Os meninos são mais abertos, confiantes, isso intimida um pouco as meninas as vezes.

E: E isso muda de uma atividade pra outra?

N: Não

E: Em todas é a mesma coisa?

N: Sim

E: E isso é mais fácil de se ver na prática do que na teórica?

N: Sim, mas não é culpa da professora, sabe? Na maioria das vezes ela não vê, porque tem muita gente na sala. Não é culpa do aluno que tem medo, é culpa do aluno que zoa o outro. Ele não pode zoar a pessoa, vai que fosse ele naquela situação.

Segundo o depoimento da aluna, o “medo de jogar” das meninas é causado pela insegurança, pois sentem medo de serem julgadas. A participação dos meninos de maneira enérgica e confiante intimida um pouco as meninas. Além do medo de serem julgadas, comentado pelo a aluna, outro medo pode causar diminuição na motivação e interesse das meninas pelas aulas: o de se machucar; devido à brutalidade dos meninos em aula:

[...] Entrevistador: E dentro do jogo, vocês estão jogando futebol, por exemplo, os meninos ficam com a bola só para eles?

Noêmia: Sim, até no futebol que a gente jogou, os meninos tavam vindo atrás da bola, empurravam a gente, tiravam a bola até de quem era do mesmo time. Eles batiam, chegavam dando cotovelada, as vezes.

Esses dados indicam que a agressividade e brutalidade de alguns alunos intimidam as meninas a participarem de maneira entusiasmada da aula, e vão ao encontro com o que foi verificado na pesquisa de Uchoga e Altmann (2016).

Os exemplos de que a motivação para participar das atividades é maior por parte dos meninos são muitos. A Educação Física escolar costuma priorizar atividades que demandam maior força, coordenação motora e velocidade; e sendo que, como supracitado, as meninas possuem culturalmente experiências diferentes que os meninos em tais atividades, o que resulta em uma participação menos efetiva do que os meninos no que tange à resolução das diferentes situações problema que se apresentam durante uma partida de um esporte coletivo, conforme já discutido que o nível de habilidade e o contato prévio com a atividade

influenciam na maneira como o estudante participa da aula e, por isso, as meninas acabam sendo prejudicadas.

Outro ponto relativo às construções culturais que são feitas sobre os corpos masculinos e femininos é que os alunos ridicularizam aqueles que agem de tal maneira que seu comportamento pode ser comparado ao do outro sexo; isso ocorre principalmente entre os meninos:

[...] Muitos meninos ficaram fazendo piadinhas com a atividade e falando que era de menina, e se algum menino ia bem, o mesmo era ridicularizado:

“Olha como ele vai bem! Parece uma menina”

Apesar disso, os meninos brincaram a aula inteira, mesmo falando que era uma brincadeira para meninas. [...] (Diário de campo, nota 6, 22/05/2018).

Outro exemplo disso é apresentado na seção anterior, onde a aluna diz na entrevista que caso um menino goste de jogar vôlei, ele é chamado de “mulherzinha”, e a menina é chamada de “mulher-macho” quando quer jogar futebol. Às vezes, nem os próprios estudantes percebem que situações desse tipo ocorrem. Segue a resposta do aluno Leopoldo à questão número sete da entrevista:

Leopoldo: Eu acho que sim, tem menina que fala que futebol é coisa de garoto e não quer jogar. Mas tem menina que quer jogar futebol, aí a gente deixa

Entrevistador: E essa menina que quer jogar futebol? Alguém fala algo do tipo para ela? Que ela é “machona”, ou algo do tipo?

L: Não

E: E se um menino quiser jogar vôlei?

L:Elas deixam, ninguém fala nada

E:E você acha que de uma atividade pra outra, as meninas e os meninos participam de jeitos diferentes?

L:Eu acho que sim, no dia que ela deu aula livre, que na quadra coberta ficou o futebol, aqui (estávamos na quadra ao ar livre destinada ao voleibol) ficou um monte de menina, só 3 meninas foram jogar futebol com a gente.

A segunda pergunta foi feita porque a aluna Noêmia já havia levantado na entrevista que a menina que se interessa por futebol é apelidada de “mulher-macho”. Leopoldo aponta que não tem conhecimento da ocorrência de situações desse tipo, porém aponta que os meninos e as meninas se separam quando há duas opções de atividade.

Surge então o questionamento: essa separação se dá pelo interesse em uma atividade ou em outra? Ou será que as meninas vão para o jogo de Voleibol, pois no futebol correm o risco de sofrerem com a brutalidade dos colegas, como a aluna Noêmia respondeu em sua entrevista? Ou ainda: Será que as meninas se sentem constrangidas de irem para o espaço do futebol, espaço esse dominado por meninos, pois acreditam que podem ouvir comentários do tipo “Ela é machona, está jogando futebol”? As três afirmações podem ser verdadeiras e coexistirem, de acordo com os dados dessa pesquisa.

O trecho a seguir foi retirado de um diário de campo de uma aula de Handebol:

[...] Após essa partida, a professora disse para os meninos saírem da quadra e sentarem. Explicou para eles que na próxima aula será o contrário e eles entenderam. Apesar disso, um menino continuou na partida jogando com as meninas, enquanto seus colegas estavam sentados. Fiquei sentado assistindo a aula e alguns meninos se sentaram ao meu lado. Em um momento, um menino disse

A-Por que o Evaristo tá jogando?

Seu colega retrucou:

B-Porque o jogo é só de meninas

Os colegas que estavam escutando riram. Um outro menino disse que o Evaristo é “O queridinho da professora; ele se faz de coitado e ela tem dó dele” logo em seguida. Esse menino (Evaristo) é representante de turma. Durante essa conversa também ouvi um menino dizendo que “a maioria das meninas é muito espera-bola”. Alguns minutos depois, o mesmo menino que disse que o Evaristo é o queridinho da professora disse:

A -Nossa, o Evaristo tá tomando um cacete pras meninas

Então um colega comentou:

B-Se eu fosse ele eu ia estar me sentir humilhado

A-E ele não tá?

Ambos riem

A-Eu tô muito maldoso hoje (Diário de campo, nota 10, 16/10/2018).

Dois pontos principais podem ser observados nesse trecho. O primeiro é que os alunos zombaram do garoto, insinuando que o mesmo é homossexual ao dizer que ele está ali, pois o jogo é das meninas. Observamos que os alunos utilizam-se de uma orientação sexual, que nem sabem se é com a qual o garoto se identifica, para zombá-lo, como se isso fosse uma característica da qual o indivíduo deve se envergonhar. O segundo ponto é que o aluno Evaristo não estava tendo um bom desempenho no jogo, perdendo a bola facilmente e sentindo dificuldades para arremessar ao gol com sucesso, e ao comparar o seu rendimento com o das meninas, seus colegas acham vergonhoso que ele não esteja se saindo tão bem

quanto elas. Isso indica, novamente, que os meninos têm pouca confiança na capacidade das meninas, e também que às veem como inferiores por terem um desempenho supostamente mais baixo que os meninos. Isso não justifica que eles as deixem de lado, ou ignorem sua presença na aula.

5. Conclusão

Ao longo da pesquisa, foi possível identificar que diversos fatores exercem influência sobre o interesse dos estudantes nas aulas, sua motivação e a maneira como participam das atividades das aulas de Educação Física. Os fatores identificados são: O local onde a aula é realizada (quadra ou sala); o nível de habilidade do estudante na atividade; a ocorrência ou não de situações constrangedoras que caracterizam o Bullying; e o sexo do aluno. O excesso de alunos na quadra praticando a mesma atividade também pode ser um fator de influência na motivação dos estudantes menos habilidosos, que passam a exercer papéis de figurantes.

Foi observado e constatado, através das entrevistas, que os alunos se sentem mais empolgados e motivados com as aulas em quadra do que com aquelas que ocorrem em sala de aula. Os conteúdos abordados pela professora ao longo do período observado foram tratados de maneira um pouco “mecânica” em sala de aula. A professora falou bastante sobre história e regras das modalidades futsal, que contou com pouquíssimas aulas práticas, das quais não pudemos observar todas. Trabalhou de maneira semelhante com o handebol, e também pediu trabalhos escritos que os alunos deveriam pesquisar em casa; e selecionou alguns alunos na aula para lerem seus trabalhos.

A Educação Física é historicamente uma disciplina concebida pelo senso comum como espaço voltado para o Lazer e o condicionamento físico (ALMEIDA *et al.*, 2011; PRANDINA; SANTOS, 2016). A Educação Física ocupa o lugar de disciplina preferida dos alunos, ao mesmo tempo em que é considerada uma das menos importantes (BETTI, 2013; LOVISOLO, 1995), e por ocorrer tradicionalmente em quadra, representa um espaço menos rígido que a sala de aula. Isso pode explicar o desinteresse dos alunos pelas aulas em sala e o aumento na motivação quando vão para a quadra.

Também foi verificado que alguns alunos que não possuem habilidade comparável à do resto da sala em alguma atividade perdem facilmente o interesse pela mesma. Cinco dos doze alunos responderam à questão seis (Existem atividades que você gosta mais ou menos? Por que você acha que algumas atividades lhe agradam mais e outras menos? Por que?) de maneira com que sua resposta pudesse ser enquadrada na categoria “Sim, pois algumas eu sei jogar melhor do que outras”. Outro exemplo de que o nível de habilidade exerce influência sobre o interesse do aluno na aula é o episódio em que o garoto senta na arquibancada na aula de elástico, pois não estava indo muito bem como vai no futsal, alegando que “é brincadeira de menina”.

Com essa e outras constatações foi elaborado um novo estilo de participar da aula denominado “egoísta”, que define o aluno que, entre outras características, só se interessam pela aula ou pela atividade quando possuem um bom desempenho na mesma, e quando o fazem, tentam resolver o jogo sem a ajuda dos colegas. O professor deve buscar despertar nos alunos que a aula é um espaço de aprendizagem, e que devem buscar avançar seus conhecimentos (tanto conceituais quanto corporais) nas atividades que têm menos habilidade para que aumentem seu interesse pelo conteúdo e participem de maneira mais ativa na aula.

A ocorrência de situações constrangedoras que caracterizam o *Bullying* esteve, em alguns momentos, atrelada ao sexo do estudante. Em um episódio, a menina que quando cortou o cabelo foi ridicularizada pelos colegas quando lhe perguntavam qual era seu nome; em outro, a menina diz que meninos que querem jogar voleibol são chamados de “mulherzinha” e as meninas que escolhem jogar futsal são chamadas de “mulher-macho”. Nenhuma das aulas que pude observar teve caráter aberto, onde os estudantes pudessem escolher se praticavam voleibol ou futsal, então não observei situações como a descrita por ela. Já em outra entrevista, um menino afirma que nunca viu isso acontecendo. Para França e Calsa (2010), é possível que o ambiente escolar provoque a reflexão dos alunos acerca de conceitos considerados naturais de acordo com o que os alunos trazem de suas vivências e experiências. Há ainda o exemplo da situação em que um menino diz para o outro na aula da brincadeira elástico: “*Olha como ele vai bem! Parece uma menina!*”

A existência desse tipo de situação pode colocar o aluno em uma posição defensiva, evitando se envolver com a atividade e se posicionando em porções periféricas do espaço do jogo, o que caracteriza a maneira de participar “figurante” descrita por Jaco (2012). Além disso, o aluno pode se afastar da aula e ficar apenas assistindo, caso tenha essa oportunidade.

Além disso, foi possível observar que o papel de “figurante” foi mais recorrente entre as meninas do que entre os meninos. Muitas se sentem perdidas no jogo, possuindo pouca interação com a bola e com os colegas. Como foi discutido nesse trabalho, esse “medo de jogar” de algumas meninas pode ser atribuído a diversos fatores, entre eles; a falta de habilidade no conteúdo; o medo de ser “julgada”, tanto pelo seu desempenho quanto por estar eventualmente praticando um esporte tido tradicionalmente como masculino, o total desinteresse pelo conteúdo ou pela aula, ou ainda o medo de se machucar com a atuação um pouco mais agressiva dos colegas.

A participação de alunos que apresentem o estilo “Nice Guy” (GRIFFIN, 1985), ou seja, aquele que busca trazer os colegas para o jogo, oportunizando com que todos participem; é muito positiva, pois um aluno que age de tal maneira auxilia o professor na busca pela equidade nas aulas. O aluno Jorge se comportou de tal maneira em uma aula de queimada, entregando a bola para as colegas que não conseguiam ter contato com a mesma, para que arremessassem. Apesar disso, é possível que se todos os alunos tivessem a noção de coletivo e pensassem na participação de todos, fazendo um rodízio para que todo mundo tenha contato com a bola, Jorge não teria tomado tal atitude de se posicionar para receber a bola só para que ela não seja arremessada novamente pelos mesmos estudantes.

Foi verificado que os alunos concordam com a existência de diferentes maneiras/estilos de participar das aulas. A observação e as entrevistas convergiram para o fato de que cada um vê a aula de uma maneira, alguns dão mais importância, outros menos. Cada um tem sua maneira de se apropriar dos conteúdos e atividades trabalhados pela professora.

Esse trabalho teve como um dos objetivos verificar quais os estilos de participação que se apresentam durante as aulas. Sobre os padrões descritos por Griffin (1984, 1985), pôde ser observada a presença dos padrões *Macho*, *Nice guy*, *Invisible Player* e *Lost Soul*. Acerca das maneiras de participar de Jaco (2012), as categorias, Protagonista, Figurante, Flutuante e Excluído foram observadas. Além disso, os dados coletados permitiram a criação de novas categorias: Distraído e Egoísta.

A utilização das categorias propostas na literatura (GRIFFIN, 1984; GRIFFIN, 1985; JACO, 2012) e a proposição de novas categorias que caracterizam a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física, foram feitas com o intuito de abordar um possível instrumento para o professor, que pode contar com a ajuda dessas categorias para resolver possíveis situações-problema que podem se apresentar em relação à participação dos alunos: alunos desinteressados em participar e distraídos com outras coisas que não a aula; alunos que não conseguem participar, pois os colegas só trocam bola entre si; alunos que se sentem intimidados com a maneira com a qual os colegas participam; alunos que não gostam de participar devido a algum comentário maldoso feito por algum colega; ou ainda, alunos que ridicularizam algum colega quando o mesmo comete um erro. A maior parte dos alunos que constituem o grupo daqueles que se sentem desmotivados e desinteressados pela aula são meninas.

Todas essas e muitas outras situações podem se apresentar durante as aulas de Educação Física, e é papel do professor se atentar à ocorrência das mesmas e buscar resolvê-las de maneira dialogada com os alunos, fazendo-os refletir sobre o que pode ser mais

vantajoso para todos. Cada aluno tem a sua própria maneira de entender e de se apropriar da aula, e o professor deve estar atento a isso.

Para França e Calsa (2010), é possível que o ambiente escolar provoque a reflexão dos alunos acerca de conceitos considerados naturais de acordo com o que os alunos trazem de suas vivências e experiências.

Tenório e Silva (2013) apontam que em momentos como esses descritos cabe ao professor parar a atividade e promover reflexões nos alunos que os levem a perceber que a aula é um espaço de participação de todos. Não é possível pensar uma Educação integral sem que todos, independentemente de sua classe social, etnia, sexo ou nível de habilidade esteja devidamente incluído nas atividades propostas.

6. Referências

- ALMEIDA, A. B.; TUCHER, G.; ROCHA, C. A. Q. Percepção discente sobre a Educação Física escolar e motivos que levam à sua prática. **Revista Mackenzie de Educação Física e -Esporte**. v. 10, n. 2, p. 109-116, 2011.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 15. ed. Campinas: Papirus, 2008. 128 p.
- BALLONE, G. J. Bullying – a maldade das crianças. In: **PsiquWeb**, Internet. Disponível em <http://www.psiqweb.net>. Acesso em: 28 set. 2018.
- ABREU, N. G. Meninos pra cá, meninas pra lá? In: VOTRE, S. J. (org.). **Ensino e avaliação em educação física**. São Paulo: Ibrasa, 1992. p.101-120.
- BETTI, I. C. R. Esporte na escola: Mas é só isso, professor? **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.
- BETTI, M. Educação Física Escolar: a perspectiva de alunas do Ensino Fundamental. Rio Claro: **Motriz**, v. 9, n. 3, p. 135-142, 2003.
- BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. Bullying e Educação Física na Escola: Características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, v. 76, n. 139, p. 58-70, 2007.
- CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v.11, n. 1, p. 97-105, 2000.
- DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não-praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e esporte**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551/18264>> Acesso em: 23/09/2018.
- EFEMINAR. In: DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Nova Cultural, 1992. p. 386.
- FODRA, Sandra Maria; NOGUEIRA, Mara Efigênia Cáceres. O projeto de vida nas escolas do Programa Ensino Integral. **Revista @mbienteeducação**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 251–261, jul. 2017. Disponível em: <http://publicacoes.unid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/34/80>. Acesso em: 21 out. 2018.
- FRANÇA, F. F.; CALSA, G. C. Gênero e formação docente: intervenção pedagógica como Possibilidade de compreensão da construção dos conceitos. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 2010, Maringá. **Anais do seminário de pesquisa do PPE**, Universidade Estadual de Maringá, 2010. Publicação online. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/051.pdf. Acesso em: 04 nov. 2018.
- GALANTE, V. Diferença salarial evidencia abismo entre homens e mulheres no futebol. Yahoo Esportes, 2018, 26 de março. Disponível em: <<https://esportes.yahoo.com/noticias/diferenca-salarial-evidencia-abismo-entre-homens-e-mulheres-no-futebol-211550933.html>>. Acesso em: 15 de set. 2018.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 1.ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O. (org). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 67-80.

GRAÇA, A. Os contextos sociais do ensino e aprendizagem dos jogos desportivos coletivos. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. **Jogos desportivos: Formação e Investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013. p. 79-102.

GRIFFIN, P. S. Girls' participation patterns in a Middle School team sports unit. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 4, n.1, p 30-38, 1984.

_____. Boys' Participation styles in a Middle School Physical Education team sports unit. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 4, n. 2, p. 100-110, 1985.

GONZALÉZ, F. J.; FRAGA, A. B. Avaliar para ensinar e aprender em Educação Física. In: _____. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Eldebra, 2012. p. 159-183.

JACO, J. F. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E GÊNERO: Diferentes maneiras de participar das aulas**. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Sociedade) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2012.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. Porto Alegre: **Movimento**, v.-12, n. 3, p. 123-140, 2006.

LOPES NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **J Pediatr** Rio de Janeiro. v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

LOVISOLO, H. **Educação física: a arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

NARDON, T. A.; DARIDO, S. C. Ensino Médio: O afastamento das aulas de Educação Física. In: DARIDO, S. C. **Educação Física no Ensino Médio: Diagnóstico, princípios e práticas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2017. p. 57-69.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa Qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editoria Universidade/UFRGS/Sulina, 1999, p. 61-93.

PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E. C. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de educação física: Algumas considerações. **R. da Educação Física**. Maringá:UEM. v. 16, n. 2, p. 121-127. 2005.

PRANDINA, M. Z.; SANTOS, M. L. A educação física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Horizontes – revista da comunicação**. Dourados. v. 4, n. 8, p. 99-114, 2016.

SARAIVA, M. do C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? **Motrivência**, v.13, n. 19, p. 79-85, 2002.

SILVA, P.; GOMES, P. B. Masculinidades como singularidades múltiplas: uma proposta de análise das masculinidades no desporto. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. **Educação Física e Gênero: Desafios Educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 45-67.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**. N. 48, p. 52-68. 1999.

SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)**. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

SOUZA JÚNIOR, O. M. **Co-Educação, futebol e educação física escolar**. 2003. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

SOUZA JÚNIOR, O. M. Educação Física escolar, co-educação e questões de gênero. In: Kerr, D. **Pedagogia Cidadã** – Cadernos de Formação – Educação Física. São Paulo: Unesp, 2004. P. 71-86.

TENÓRIO, J. G.; SILVA, C. L. Educação Física Escolar e a não participação dos alunos nas aulas. **Ciência em movimento**, n. 31, p. 71-80, 2013.

UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. Educação Física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de ciências do esporte**, Brasília: Elsevier, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v38n2/0101-3289-rbce-38-02-0163.pdf>.

7. Anexos

7.1. Diário de campo

Nota 1. 10/04/2018 - Queimada

A bola esteve na maior parte do tempo em posse dos (mesmos) meninos. Os alunos e alunas não costumam rodar muito a bola, sendo que quando surge a oportunidade atacam o adversário sem tentar outras possibilidades com os colegas.

Apesar de ser claro que a confiança nas habilidades das alunas por parte dos meninos ser muito baixa, esse não é o único fato que leva ao fato de a posse de bola raramente estar com uma menina. Elas se mantêm em posições distantes, quando alguém do seu time possui a posse de bola, elas não pedem a bola e geralmente ficam atrás da pessoa que está com a bola. Ou seja, não se “impõem” no jogo como os meninos.

Um menino (Geraldo) queria a bola o tempo todo para si. Após ele ser queimado e ir para o espaço do “morto”, tomou um dos três quadrantes para si e dominou a posse de bola, sendo que ao recebê-la raramente a passava para algum dos colegas, estando o colega ainda em jogo ou no “morto”. Esse aluno ficou o jogo inteiro gritando com os colegas e dando ordens, como se fosse um técnico de um time de futebol na beirada do campo, porém, de forma não-agressiva.

Observei que uma aluna que havia sido queimada e estava no morto do time desse menino ficou boa parte do jogo sentada no canto, sem jogar, e em um momento ela pegou a bola e deu a volta na quadra para entregá-la a esse menino. Após isso, ela só passava a bola para ele, mesmo que não fosse oportuno.

3 meninas ficaram no canto do morto, do mesmo time, brincando de outras coisas, como virar estrelinha e brincadeiras cantadas, nem um pouco interessadas com o que acontecia no jogo de queimada.

Um menino de um dos times ficou ao fundo da área de seu time por todo o tempo até ser queimado. Quando a bola vinha até a parte em que ele estava, o mesmo pegava a bola e a entregava para alguma menina que estava sem participar muito. Apenas em um dos momentos em que pegou a bola ele tentou queimar o outro time.

Em ambos os times os alunos aglutinavam-se para ficar com a bola, sendo que os meninos acabavam sendo mais rápidos e ficando com a mesma mais vezes que as meninas.

Ao final da aula, estava conversando com um aluno do time que estava ganhando e perguntei a ele: “qual time você acha que iria ganhar se o jogo fosse até o final?”

(O sinal tocou e o jogo não acabou). Ele disse “não sei, acho que o meu. As meninas da minha turma não participam, ficam com medo de jogar”, perguntei então se ele imaginava qual seria o motivo disso ele disse que não sabia.

Nota 2 – Finalização dos trabalhos – 24/04/2018

Essa aula foi reservada para que os alunos finalizassem seus trabalhos que iniciarão na próxima semana. O trabalho consiste em elaborar uma cartolina explicando e demonstrando uma brincadeira que os alunos conhecem e em um dia marcado, explicar para a turma como se pratica e a turma praticar depois (um grupo por aula). Os grupos que se formaram escolheram as brincadeiras: Polícia e ladrão, pula elástico, taco e estátua.

Um dos grupos foi formado apenas por meninas, outro contava com 7 meninas e um menino, um grupo era só de meninos e outro grupo contava com 6 meninos e 1 menina. Questionei a um aluno do grupo formado apenas por meninos o porquê de ocorrer essa divisão tão forte entre os gêneros, pois perdi a última aula, na qual eles formaram os grupos e decidiram as brincadeiras que apresentariam. O garoto me respondeu que não sabe, mas que acha melhor assim, “porque os meninos e as meninas pensam diferente”; então eu o questionei “pensam diferente como?”, ele não soube responder. Acredito que isso indica que a turma, apesar de saber conviver com as diferenças de gênero, meninas se sentem mais seguras em trabalhar com meninas, e meninos se sentem mais seguros em trabalhar com meninos.

Isso me fez começar a perceber que o comportamento dos alunos, sua participação em aula e a maneira como interagem com os colegas de turma muda quando há a transição do espaço de sala de aula para o da quadra. Em sala de aula, aparentemente não há segregação que faça com que meninos só conversem com meninos e meninas só conversem com meninos, por exemplo. Não há a formação de “panelinhas”, ou seja, grupos de alunos que visam interagir somente entre si e excluir outros alunos da convivência. Na quadra também não ocorre isso, pois a professora está sempre atenta às situações de exclusão, bullying e segregação; porém, os meninos preferem jogar no time ou no grupo que contém outros meninos, e as meninas preferem estar no time ou grupo que contenha outras meninas. Apesar disso, os alunos agem com respeito entre si, é apenas uma questão de afinidade. “Se o seu grupo precisar de lápis de cor a gente tem aqui, tá bom? O cartaz de vocês está ficando dahora” uma menina exclama a um garoto de outro grupo; “valeu, o de vocês também” ele responde.

Sobre o papel da docente evitando situações de constrangimento e bullying entre seus alunos, ela deixa bem claro que quer mostrar que a sua aula é para todos, e que todo mundo é igual: “Ah, se é menino, menina, se joga bem ou mal, pra mim tanto faz, e eu sempre mostro pra eles que é assim que vai ser. Se eu ver desrespeitando o colega vou parar a aula e buscar entender o que está acontecendo, mando pra direção, dou bronca, o que for

necessário...”. Parando para analisar a situação, esse é o terceiro mês em que a turma está tendo aulas com ela, e esse pouco tempo já foi suficiente para que eles a respeitassem. Ela continua: “Geralmente na quadra é mais tranquilo, eles ficam mais livres, mas quando eu tenho que corrigir tarefa ou fazer a avaliação deles em sala de aula a turma o controle às vezes, e eu tenho que erguer um pouco mais a voz. Eles são bonzinhos, não têm nenhuma maldade, mas são bagunceiros”.

Fiquei mais tempo com o grupo formado por 7 meninas e 1 menino, porém, não intervi em nenhum momento ou fiz qualquer tipo de pergunta para qualquer integrante do grupo. Percebi que o menino que estava nesse grupo é um dos alunos que costuma ser mais tímido durante as aulas teóricas, em sala de aula, em momentos de certa descontração, onde a turma começa a conversar enquanto a professora dá visto em alguma tarefa, por exemplo, ele sempre fica quieto e não conversa com seus colegas, geralmente fica de cabeça baixa ou lendo o caderno do estado. Nesse dia, ele estava interagindo bastante com seu grupo, dava idéias, tive a impressão de que ele estava gostando bastante do trabalho e de que tem uma amizade bem forte com suas colegas de grupo. Uma menina do grupo, que posteriormente consegui notar papel de dominante sobre o seu time em uma aula de queimada estava liderando o grupo, atribuía funções e fazia o que achava melhor sem consultar o resto do grupo, que tentava tomar decisões de maneira coletiva. Em um momento outra menina disse à ela: “mas você fez esse desenho aí muito perto do meu, eu não gostei” e ela respondeu “ah, eu achei que ia ficar bom assim e fiz” a colega disse “Você podia ter perguntado antes, né?”, então ela respondeu: “eu desenho melhor que você, então tá tudo bem”.

Eu escutei esse diálogo em um momento que eu estava mais próximo de outro grupo, então não pude intervir ou tentar conscientizar a menina sobre o que ela estava falando para a outra ou sobre como é trabalhar em equipe e escutar o que seus colegas têm a dizer. Apesar disso, depois de alguns minutos, quando a colega foi lavar o pincel na pia que existe na beirada da quadra, ela foi até lá e pediu desculpas, a colega aceitou tranquilamente.

Nota 3 – Policia e Ladrão – 01/05/2018

Essa aula foi a atividade do grupo composto por sete meninas e um menino, e foi a atividade de polícia e ladrão. O grupo exibiu a cartolina com os desenhos que fizeram e o nome da brincadeira, e explicaram como se jogava. Alguns alunos não a conheciam.

Feito isso, os alunos dividiram a turma em quatro grupos, três desses grupos seriam os “ladrões” e um deles seria a “polícia”. Os grupos foram se alternando durante o decorrer de um “jogo” e outro para fazer a função de polícia. Pude perceber que nenhum aluno tentou burlar esse rodízio durante toda a aula, dizendo pertencer a algum grupo que não faz parte para passar pela mesma função duas vezes.

A atividade ocupou todo o espaço externo que tem as quadras, um espaço vazio ao lado da quadra coberta, a parte atrás da arquibancada e a região do bicicletário, ao lado da quadra de voleibol.

Os alunos que eram pegos pela polícia sentavam até que todos fossem pegos, então a atividade começava novamente.

Em muitos momentos, alguns se desentendem, pois um diz que conseguiu pegar o colega, que nega, falando que a mão dele não encostou. Em um momento uma menina grita para um menino:

“Você está roubando! É a terceira vez que eu te pego e você não sai!”

Um pouco depois da metade do tempo de aula, uma parte da turma começou a ficar enjoada da brincadeira, e pude perceber que alguns eram pegos de propósito ou estavam muito cansados e acabavam desistindo de correr. No final da atividade, restavam poucos alunos em quadra, e os que saíam se ocupavam com outras coisas, conversando ou brincando.

Quando isso começou a acontecer, a professora disse para que a atividade se limitasse ao espaço da quadra coberta, para que os alunos não tivessem que correr tanto. Isso surtiu efeito, e cada “partida” passou a ocorrer mais rápido. Os alunos possuem preferência pela função de policial, então é provável que a maior velocidade no rodízio de funções tenha animado um pouco eles.

Nota 4 – Estátua – 08/05/2018

Dois meninos estavam de fora da atividade, um porque estava com dor de cabeça. Outro porque disse não gostar da atividade.

A atividade de estátua se desenvolveu de uma tal maneira que um aluno falava “estátua” em um momento a escolher e os outros paravam no lugar, sendo que esse primeiro aluno tinha as funções de verificar se os colegas estavam realmente parados (caso alguém se mexesse o mesmo auxiliava o primeiro aluno até que todos “perdessem”, ou seja, saíssem da posição) e também de tentar distraí-los.

O aluno Geraldo parece influenciar bastante a turma, quando foi o escolhido para falar “estátua”, antes que seus colegas começassem a se mexer pela quadra, dava orientações em voz alta para que se espalhassem pela quadra, e seus colegas aparentam respeitá-lo bastante.

Observando a turma nessa atividade percebi que todos os alunos se mostraram bastante motivados a participar da aula, sendo que após serem “pegos”, nenhum ficou de fora da atividade ou da quadra e todos se empenharam em tirar a concentração dos colegas que ainda estavam em “estátua”. Nenhum aluno se mostrou entediado de participar da atividade.

Fui falar com o aluno que disse estar de fora por não gostar da atividade (Jorge), ele participou uma vez, porém, ao ser “pego”, se retirou e ficou no canto da quadra observando. Questionei o por quê e ele me disse que estava de fora porque perdeu e que não era bom em fazer os outros rirem. Comentou também que não gosta de jogar futebol pois não vê sentido em “ficar chutando uma bola de um lado pro outro”. Conversei com ele e disse que ser bom em fazer os outros rirem\tirar sua concentração é subjetivo e varia de pessoa para pessoa. Após isso, ele foi até umas alunas que estavam ainda na brincadeira e começou a contar algumas piadas, que inclusive eu achei bastante engraçadas.

O aluno Geraldo, que se mostrou ser um dos alunos que detêm o protagonismo na turma se retirou da atividade na segunda vez que ela ocorreu. Questionei ele por que havia saído da atividade e o mesmo me disse que gostava da brincadeira mas saiu porque “havia perdido” (ou seja, estava em estátua e alguém o fez se mexer, tirando sua concentração; assim, não teria mais a oportunidade de “vencer” a atividade, ou seja, ser o último a se mexer). Eu disse para ele que não precisava sair da atividade, e que quem não estivesse mais em estátua poderia continuar participando, tirando a concentração dos colegas. Ele disse “não gosto de perder”.

Durante o andamento da atividade e enquanto a maioria dos alunos se empenhava para tirar a concentração dos colegas, duas meninas ficaram juntas a aula inteira

dançando. Imaginei que o intuito de tal era fazer os colegas rirem e tirar sua concentração, como era esse o foco dos alunos que já haviam saído da estátua, porém, após o término da atividade, em um momento em que a professora os reuniu para dar alguns recados, as duas continuaram dançando.

Alguns alunos da turma se mostraram bastante empenhados em manter a concentração e a posição que assumiram ao ser falado “estátua”, outros não conseguiram se manter concentrados. Ainda houveram aqueles que aparentaram perder a concentração de propósito.

|

Nota 5 – Taco – 15/05/2018

O grupo explicou e demonstrou como se pratica a atividade. Após isso, foram montadas duas estações onde os alunos formaram filas e foram revezando para participar.

2 meninas vieram me dizer que não haviam deixado elas jogarem e orientei que conversassem com quem havia feito isso. Após falarem com o menino que não as deixou, ele permitiu que uma delas ficasse arremessando e pegando as bolas, que é uma das funções da atividade, mas elas não gostaram e foram para o outro jogo porque queriam rebater.

Em outra estação, estava uma fila de meninos e uma de meninas, e o critério para a ordem da fila era um de cada fila por vez, e não por ordem de chegada. Questionei o por que disso e eles disseram que estavam acostumados a fazer desse jeito quando brincavam na rua, e em seguida fizeram apenas uma fila.

Nesse dia, as meninas estavam mais participativas do que os meninos na atividade, aparentemente jogando com “mais vontade” e mais interessadas em participar.

Em um momento do jogo, um menino rebateu a bola e deixou de correr, demorando para marcar o ponto. Nesse momento uma menina gritou: “ai que moleque burro”.

|

Nota 6 – Elástico – 22/05/2018

Foi feita a apresentação do último grupo, formado apenas por meninas, e a atividade foi o Elástico. Essa brincadeira faz o uso de um elástico comprido que é passado ao redor do corpo de duas pessoas, que ficam de frente uma para a outra afastadas aproximadamente 1,5m. Feito isso, uma terceira pessoa pula no meio do elástico e começa a fazendo movimentos com as pernas, pisando sobre o elástico e entrelaçando-o entre suas pernas de maneira específica. Quando consegue completar a sequencia, os alunos que seguram o elástico com os tornozelos sobem o elástico para a altura dos joelhos, em seguida na cintura.

O grupo levou 6 elásticos, então as filas para pular e revezar segurando o elástico com o corpo não eram muito demoradas.

Muitos meninos ficaram fazendo piadinhas com a atividade e falando que era de menina, e se algum menino ia bem, o mesmo era ridicularizado:

“Olha como ele vai bem! Parece uma menina”

Apesar disso, os meninos brincaram a aula inteira, mesmo falando que era uma brincadeira para meninas.

As meninas da turma tinham maior habilidade que os meninos, que ficaram um pouco frustrados, ridicularizando o desempenho das colegas:

“Ah mas essa brincadeira é mó chata, no futebol eu sou melhor”

Após 15 minutos de aula, ele sentou-se na arquibancada, falando que a brincadeira era chata. A professora o advertiu duas vezes que ele ficaria com falta, mas ele disse não ligar.

Nota 7 – Futsal – 29/05/2018

A professora iniciou a aula falando sobre as capacidades físicas com os alunos e as relacionando com o futebol, como já havia feito em sala de aula. Após isso ela disse “Meninas, essa história de que o futebol é só para homem ficou no passado, vocês podem e devem jogar e jogar junto com os meninos”. Em seguida disse que os alunos não devem ficar comentando e notando na maneira como os colegas jogam, e que todos têm o direito de participar, tanto meninos quanto meninas. Disse também que não está ali para formar atletas, e sim ensinar.

A professora colocou os alunos em duas filas de frente a 4 cones em linha, o primeiro da fila devia passar fazendo um ziguezague entre os cones até o final, então voltavam pelo canto com a bola nos pés e a passavam para o próximo da fila. Alguns meninos vieram de chuteira para a aula.

Uma menina ficou trocando de lugar com os colegas no final da fila para não ter que participar da atividade. Acredito que ela deve sentir timidez, pois na atividade seguinte evitou tomar frente nas jogadas e participar ativamente, evitando proximidade com a bola. Os colegas não agem de maneira desrespeitosa com ninguém, então não é possível imaginar por que ela se porta de tal maneira.

Essa atividade durou aproximadamente 25 minutos.

A última atividade da aula foi um tipo de futsal. A professora dividiu os alunos em 8 equipes (exceto dois goleiros, fixos) que jogaram 4x4. Toda vez que um dos times perdia a posse de bola, os jogadores da equipe que estão na partida saem e rapidamente outros 4 jogadores de outra equipe do mesmo lado entra no jogo. A equipe que saía ia para o último lugar da fila. É uma atividade que demanda muita atenção no jogo, então seu desenvolvimento foi comprometido.

Boa parte dos alunos, em especial de um dos times, se sentava quando estava esperando na fila e perdia tempo para entrar em jogo, ou o time que perdia a posse de bola demorava para sair. Reparei que essa postura foi mais da parte das meninas, que acabaram se agrupando nas mesmas equipes, mesmo com a divisão tendo sido feita pela docente. Elas ficavam conversando e duas delas ficavam dançando o tempo todo, as mesmas que assumiram a mesma postura em outras aulas. Isso comprometeu sua participação nas aulas, pois não prestam atenção na atividade.

Um menino que já havia comentado comigo que não gostava de futebol pois não achava graça estava bastante desmotivado nessa aula. Quando chegava a vez da sua

equipe entrar na partida e seus colegas corriam até a quadra, o mesmo ia andando devagar, sem vontade.

Um menino ficou sentado parte da aula pois disse que estava com dor de cabeça, porém após algum tempo pegou uma bola que não estava em jogo e ficou chutando-a na parede.

Uma das equipes, formada apenas por meninas, comprometeu um pouco o andamento da atividade, pois ficava conversando quando estava fora da partida e demorava um tempo para entrar em quadra por não estarem prestando atenção.

Não foi feito nenhum gol em quase 20 minutos de atividade.

|

Nota 8 – Futsal – 28/08/2018

A professora dividiu a turma em 2 equipes, sendo que cada uma deveria ficar no canto de cada um dos lados da quadra e enviando 3 alunos por vez para a atividade, que se constituiu assim:

Com um aluno no gol, três alunos se posicionavam na defesa, de costas para o goleiro; e três alunos se posicionavam no ataque de frente para o gol, na linha central que divide a quadra transversalmente, e com posse de bola. O grupo que estava no ataque deveria trocar passes até marcar gol, e o grupo que estava na defesa deveria roubar a bola. Cada grupo tinha uma tentativa em cada posição, então toda vez que era marcado gol ou a bola era roubada pela defesa, ou ainda a bola saía da quadra, os alunos da defesa voltavam para o final da fila, os alunos do ataque se posicionavam na defesa e os próximos três alunos da fila entravam no ataque.

A turma teve um pouco de dificuldade para compreender a dinâmica da atividade no começo, porém conseguiram jogá-la após algumas rodadas. Todos os alunos que estavam em sua vez estavam concentrados, se dedicando à atividade, especialmente porque passavam mais tempo na fila do que na atividade em si. Os alunos que estavam na fila se ocupavam de outras atividades, como conversar, brincar e dançar. Apenas uma pequena parcela dos alunos prestava atenção na atividade quando estava na fila.

Pude perceber que alguns alunos e alunas se reposicionavam na fila, afim de poder estar no grupo de algum colega quando entrassem na atividade, negociando trocas de posição na fila com outros colegas.

Essa atividade durou 10 minutos, e após ela, a professora dividiu a turma em 4 times e os colocou para jogar, de maneira com que cada time jogasse duas vezes. A professora não comentou isso com os alunos, mas perguntei para ela depois e ela disse que procurou formar equipes mistas e balancear os times por nível de habilidade, separando os alunos que jogam melhor.

A primeira partida ocorreu de maneira bem equilibrada, e terminou em 2 a 1. Alguns alunos jogaram com maior entusiasmo que os outros, porém ninguém ficou alheio ao jogo ou colocando sua atenção em alguma outra coisa. O aluno Vitor, que em uma outra aula havia comentado comigo que não gostava de futebol, jogou com bastante entusiasmo, pedia passes para os colegas, falando alto, e buscava dar orientações sobre posicionamento e como os colegas deviam proceder, comportamento diferente do que o mesmo apresentou em outras aulas.

Na segunda e na terceira partidas, o jogo também foi bastante equilibrado e nenhum aluno ficou em posições periféricas, parado ou distraído. O segundo jogo terminou 1 a 0 e o terceiro jogo terminou em 0 a 0.

No último jogo, a partida ocorreu de maneira um pouco menos equilibrada, e terminou em 4 a 0. Chegando mais perto do final do jogo, os alunos do time que estava perdendo começaram a ficar desanimados e sem vontade de participar. Alguns até se distraíam conversando quando estavam um pouco longe da bola, mas nada parecido com o comportamento das meninas que ficam dançando. Essas inclusive, estavam participando com entusiasmo da aula, se envolvendo nas jogadas e prestando atenção no jogo.

Aproximadamente no meio do tempo do jogo, dois meninos discutiram e começaram a se xingar, pois um marcou o outro de maneira um pouco agressiva, empurrando-o quando estava com a bola. Eles ficaram se xingando e o que havia sido marcado empurrou o outro, a discussão começou quando o jogo ainda estava acontecendo, mas logo em seguida, a professora apitou para que o jogo parasse, colocou os alunos sentados na arquibancada e mandou o jogo seguir. Os alunos ficaram lá sentados e a professora foi falar com eles logo em seguida, ficaram o resto da partida sem jogar.

Um dos alunos é o Hugo, ele tem um bom desempenho na maior parte das aulas e é um pouco autoritário com os colegas em alguns momentos, em especial na queimada, sempre recebe a bola e não a passa muito para os colegas. Ele é mais alto e mais forte que o resto da turma, então tem também vantagem física, além de maior habilidade. Busca orientar o time nas suas decisões, porém, não possui a mesma influência que o Geraldo. O outro menino se chama Igor, e não apresentou até então, problemas de indisciplina. Nunca fica de canto das atividades, mas também não assume papel de liderança. Na verdade, até o momento não havia notado nenhuma característica em sua participação, ele participa como a média da turma, sem “mexer” muito no jogo.

Nota 9 – Queimada – 04/09/2018

A professora fez a chamada e entregou alguns trabalhos corrigidos que os alunos já haviam entregado à ela na semana anterior. Os alunos estavam bem quietos no início da aula. Enquanto chamava cada aluno para ir buscar na mesa dela o trabalho corrigido, a sala começou a ficar inquieta e ela teve que chamar-lhes a atenção. Nesse dia estava previsto que fossem para a quadra, porém, tendo em vista o comportamento dos alunos, a professora comunicou-lhes que os manteria na sala até o final da aula.

Enquanto os alunos iam receber individualmente seus trabalhos, reparei algo que também havia notado nas outras aulas: Meninos e meninas interagem sem nenhum tipo de segregação ou constrangimento, o que pode ocorrer nessa faixa etária. Não há a formação de nenhum tipo de “panelinha”, e ao longo de toda a minha observação, não consegui observar casos de bullying. Alguns alunos não conversam com ninguém e se mantêm quietos, ou lendo o caderno do estado ou olhando para o resto da turma. Alguns alunos, por outro lado, conversam com todo mundo, inclusive com quem está mais longe na sala, e acabam sendo como “termômetros” da turma, pois quando estão mais agitados e comunicativos, acabam influenciando a todos se portarem da mesma maneira. Esses alunos que costumam agir de maneira com a qual seus colegas se empolgam e tendem a agir igual (conversando muito ou saindo do lugar) costumam ser os meninos. Um menino em especial (Geraldo) conversa com todo mundo da turma, e em alguns momentos, fala com um tom um pouco mais agressivo com alguns colegas; porém não consegui identificar o motivo disso.

Nos últimos 25 minutos de aula, a professora permitiu que fossem até a quadra para jogar queimada, e deixou que os alunos escolhessem os times. Eles então se dividiram em um time de meninos e um time de meninas, pelo o que eu entendi, essa decisão foi tomada por praticidade e para evitar “perder tempo”.

Em um momento do jogo, uma menina disse em voz alta: “Eu fiquei com muito raço de mim, a bola veio para mim e eu errei o arremesso”; então um menino lhe respondeu: “É normal, acontece com todo mundo”.

Esse comportamento apresentado pelo menino pode ser comparado ao descrito como “nice guy”.

Durante o jogo, consegui observar que os meninos rodam mais a posse de bola que as meninas, que são mais “fominhas” (como algumas inclusive chamam as colegas que não passam a bola).

Em um dado momento do jogo, uma menina reclamou que a bola estava na área do “morto” do seu time e um menino foi lá e pegou a bola mesmo assim. Para fazer a reclamação, ela entrou no campo dos meninos, com o jogo parado. O menino que ela estava reclamando então deu um empurrão na menina e os dois começaram a discutir. Em seguida, um menino foi até onde a bola estava, a pegou e jogou para o campo das meninas (na intenção de entregar a bola, não de queimar), dando-lhes a posse de bola.

O aluno Geraldo, que apresentou em outras aulas características do padrão de participação “macho” (aquele que prefere jogar sozinho, não confia na capacidade dos menos habilidoso e ainda é tratado como líder pelo resto da turma), recebe a bola de seu time a todo momento, pois tem mais força e precisão no arremesso. Ainda assim, quando é mais vantajoso, ele passa a bola para os colegas que não estão em melhor posicionamento para queimar, porém ainda não tiveram contato com a bola.

No time das meninas, a bola passou a maior parte do tempo na mão de poucas alunas, que mesmo já tendo arremessado várias vezes, pedem a bola para as colegas que ainda não tentaram queimar o outro time. A Eduarda foi a responsável por mais da metade dos arremessos para a quadra adversária, sendo que a equipe era composta por 16 alunas. Ela passou a bola para uma colega no “morto” somente uma vez na partida, sendo que era uma situação em que seria muito difícil conseguir queimar alguém, pois os meninos estavam longe dela.

Ela tem um nível de habilidade mais alto que da maioria e assume papel de liderança, sendo que algumas colegas de equipe lhe passam a bola; ainda que estejam com ela na mão e não tiveram a oportunidade de arremessar. Além disso, quando uma colega consegue pegar a bola no chão e arremessa a bola sem sucesso, ela reclama e eventualmente zomba da aluna que o fez. Em um momento, ela diz para uma colega que errou: “se fosse para jogar assim passava a bola que eu jogava”.

Um menino que tem um bom nível de habilidade, porém um pouco mais baixo que do Geraldo, pega a bola várias vezes para arremessar, e em boa parte delas, tenta passa-la para algum colega do time que ainda não arremessou (Comportamento do “nice guy”). Esse mesmo aluno, em um momento em que houve uma pequena discussão entre um menino e uma menina sobre de quem seria a bola naquele momento, ele disse para seu colega de equipe que a bola era das meninas, tirou-a de sua mão e jogou para o outro lado da quadra para que elas seguissem com o jogo.

O aluno Geraldo tem alta influência sobre a turma, quando ocorrem pequenas discussões sobre se alguém foi queimado ou não, ou ainda, se a bola estava no campo de um

time ou de outro, ele busca mediar a situação entre os envolvidos para que entrem em um acordo. Observando a postura dele entendi que o intuito é resolver as discussões o mais rápido possível, para que não percam tempo de jogo.

Em um momento de jogo, uma menina é queimada de propósito se posicionando logo à frente de um menino que está com a bola. Não consegui falar com ela, porém acredito que foi pelo fato de que não estava participando muito do jogo e queria realizar um arremesso (não observei isso, mas provavelmente ela ainda não havia arremessado ou arremessou poucas vezes) e foi queimada para que, no espaço “morto”, tivesse mais oportunidades de queimar os meninos, pelo fato de o espaço “morto” conter menos pessoas.

Todos os alunos se mantiveram concentrados no jogo o tempo todo. A aula terminou sem que sobrasse tempo para a brincadeira acabar, porém, o time das meninas tinha mais integrantes no espaço “morto” que o dos meninos, então os meninos estavam ganhando. No final da aula, enquanto os alunos se dirigiam à arquibancada para pegarem suas mochilas, o aluno Geraldo cantava uma música de funk que contém palavras de baixo calão, porém, no momento em que a palavra iria surgir, ele não a falava e continuava cantando o resto (ficava “mudo” na hora do palavrão). O conteúdo da música é bem explícito para uma criança de 11 anos. Quando pegou sua mochila, tirou de dentro dela uma caixa de som bem grande e saiu da escola escutando outras músicas de funk com conteúdo explícito, em volume bem alto. Ninguém advertiu o mesmo sobre seu comportamento, apesar da presença da inspetora de alunos e uma funcionária que controla a entrada e saída dos alunos pelo portão.

Após o fim da aula, 5 alunos (todos meninos) permaneceram ali por mais 10 minutos trocando passes.

Nota 10 – Handebol – 16/10/2018

O jogo de handebol foi dividido em equipes mistas, e a turma inteira estava na aula (38 alunos). O jogo ficou muito tumultuado e bagunçado, grande parte dos alunos em quadra se posicionava em um espaço não muito grande ao redor da bola, sendo que a maioria apenas estava correndo em direção à mesma, e sempre os mesmos (poucos) alunos ou alunas conseguiam estabelecer contato com a bola ou fazer alguma jogada. A professora parou o jogo várias vezes por ocorrência de faltas. Boa parte dos alunos, ao receber a bola em algum desses momentos, entrava em desespero e logo a jogava para algum colega que estava longe, então a turma inteira se virava e corria atrás da bola.

Geraldo tem, como sempre, um destaque na atividade, correndo mais, pedindo mais bolas, se posicionando melhor para recebe-las. O jogo parece ser “fácil” para ele. Os colegas confiam muito em sua habilidade, por isso sempre passam a bola para ele quando uma jogada será reiniciada ou quando é oportuno e ele pede a bola, ainda que não esteja em posição muito favorável. Marcou 3 gols. Quando ele pega a bola, muitos alunos do seu time gritam seu nome e pedem a bola. Tenta resolver as coisas sozinho.

Algumas meninas ficam toda a partida de braços cruzados conversando, outras ficaram dançando, fazendo brincadeiras, ou andando de um lado para o outro. Já observei esse mesmo comportamento recorrente com duas meninas em várias aulas diferentes; enquanto a partida acontece, elas ficam dançando. As outras meninas, que ficaram de braços cruzados ou conversando, alheias ao jogo, chegaram a tentar receber a bola no começo da partida, mas não obtiveram sucesso. Boa parte dos alunos não tem nenhum contato com a bola ao longo de toda a partida. A maioria dos que compõem esse grupo é menina.

Após essa partida, a professora disse para os meninos saírem da quadra e sentarem. Explicou para eles que na próxima aula será o contrário e eles entenderam. Apesar disso, um menino continuou na partida jogando com as meninas, enquanto seus colegas estavam sentados. Fiquei sentado assistindo a aula e alguns meninos se sentaram ao meu lado. Em um momento, um menino disse

A-Por que o Evaristo tá jogando?

Seu colega retrucou:

B-Porque o jogo é só de meninas

Os colegas que estavam escutando riram. Um outro menino disse que o Evaristo é “O queridinho da professora; ele se faz de coitado e ela tem dó dele” logo em seguida. Esse menino (Evaristo) é representante de turma. Durante essa conversa também

ouvi um menino dizendo que “a maioria das meninas é muito espera-bola”. Alguns minutos depois, o mesmo menino que disse que o Evaristo é o queridinho da professora disse:

A -Nossa, o Evaristo tá tomando um cacete pras meninas

Então um colega comentou:

B-Se eu fosse ele eu ia estar me sentir humilhado

A-E ele não tá?

Ambos riem

A-Eu to muito maldoso hoje

Nessa segunda partida, feita somente com as meninas e o Evaristo, as meninas se envolveram mais, de maneira geral. Porém, as mesmas que ficaram dançando e conversando paradas no meio do jogo. Apesar disso, boa parte delas ainda não mostrou muito interesse na atividade, não correndo muito atrás da bola ou pedindo sua posse, por exemplo.

|

Nota 11 – Handebol – 23/10/2018

A aula foi iniciada com dois alunos sentados na arquibancada pois haviam brigado quando a professora estava explicando o que seria feito. A professora demonstrou como o aluno deve conduzir a bola, dando no máximo três passos quando tem sua posse, e com a necessidade de quicar a bola caso for andar mais do que três passos. Disse em seguida que a aula anterior foi para os alunos entenderem como se joga, não cobrando que seguissem essa regra. Em seguida, pediu para três alunos fazerem o deslocamento com a quicada de bola na frente da turma para avaliar se todos entenderam e explicou como a defesa costuma se posicionar para tentar bloquear a bola em um arremesso para o gol. Colocou mais alguns alunos na defesa, um arremessando a bola e um como goleiro para demonstrar a situação de bloqueio por parte da defesa.

Após isso, dividiu os times separando os alunos que costumam apresentar melhor desempenho (Geraldo, Jorge, Hugo e outros), formando equipes mistas.

Assim como na aula anterior, houve muita aglutinação ao redor da bola e muitos alunos tiveram pouco ou nenhum contato com a mesma. Em um momento, uma menina diz em voz alta “eu vou parar de jogar, eu nunca recebo a bola”. Em seguida, se dirigiu a uma porção periférica da quadra e ficou conversando com uma colega que estava parada. As mesmas duas meninas que sempre ficam dançando durante o decorrer das atividades repetiram essa atitude. Perguntei à professora o motivo de elas sempre fazerem aquilo e ela disse: “Elas não levam a sério, eu já tentei de tudo”.

A bola foi arremessada ao gol pouquíssimas vezes, porém, por parte de alunos que costumam apresentar comportamento de “figurantes” nas aulas. Isso me deixou surpreso, e em alguns minutos tive a ideia de que talvez a realização das primeiras entrevistas (nesse dia já havia feito 6 delas) pode ter feito alguns alunos comentarem com os colegas e/ou refletirem sobre participação e motivação nas aulas e passaram a colaborar um pouco mais com a participação daqueles que acabam ficando de lado. Essa inferência é apenas um palpite, não tive nenhum elemento que me permitisse ligar uma coisa à outra, então pode também ser uma coincidência.

Após 15 minutos, a professora permitiu que os meninos que estavam sentados na arquibancada participassem da partida, desde que não brigassem mais. Essa partida durou cerca de 25 minutos, sendo que a professora permitiu que os alunos fossem tomar água no meio desse tempo. Após o “segundo tempo”, o jogo estava 1 a 1 e a professora disse para as meninas sentarem na arquibancada, pois a última aula havia terminado com um jogo apenas delas, então era a vez dos meninos.

O jogo dos meninos foi bem mais intenso e movimentado do que o jogo com a turma toda. Os alunos elaboravam estratégias, conversavam entre si e ocupavam o espaço de quadra de maneira mais distribuída. Pode se observar claramente que a competitividade dos meninos é maior do que das meninas. Em um momento do jogo, um menino começou a falar que outro menino do time adversário estava “roubando”, pois estava dando mais do que três passos sem quicar a bola.

A: Você tá andando muito com a bola, não pode

B: Cala a boca

A: Cala a boca você, você não manda em mim

Então os meninos começaram a se xingar e falar mais alto enquanto a partida acontecia. Então a professora parou o jogo, mandou os dois sentarem e voltou o jogo. Em seguida se dirigiu a eles e conversou com os mesmos por cerca de 5 minutos. Falou que não é assim que as coisas devem ser resolvidas e que não é esse tipo de atitude que ela quer em suas aulas; e deixou os garotos lá para que se resolvessem, advertindo-os que deveriam procura-la quando fizessem as pazes pois aí voltariam para o jogo. Em menos de um minuto, os alunos foram até ela e disseram que haviam se resolvido, pedindo para jogar e ela deixou.

Essa partida se encerrou com um placar de 3 a 1, e diferentemente do primeiro jogo, os alunos que realizaram mais arremessos ao gol e assistências foram aqueles que possuem papel de protagonistas, principalmente o Geraldo e o Hugoo. Tive a forte impressão de que os alunos estavam querendo “se exhibir” nessa partida, muitas vezes tentando executar dribles sem sentido, como jogar a bola por cima do adversário buscando recebe-la atrás dele quando um colega do time estava posicionado de maneira vantajosa para arremessar ao gol.

Nota 12 – Handebol – 30/10/2018

A professora iniciou a aula com os alunos sentados na arquibancada e explicou como funciona a marcação individual e por zona. Para isso, explicou como funciona e chamou alguns alunos para formarem a defesa e um aluno para atacar, demonstrando como funciona para a sala. Em seguida, perguntou quantos jogadores formam um time de handebol (ela havia comentado em uma aula teórica). Ninguém se lembrava.

Em seguida, escolheu 12 meninas e as posicionou na defesa. Após isso, soltou a bola e iniciou-se a primeira partida. Todas participaram e correram atrás da bola, sem ninguém agindo como figurante. O jogo terminou 2 a 0.

Enquanto estava acontecendo o jogo das meninas, alguns meninos que estavam sentados na arquibancada conversando ficaram fazendo piadas de duplo sentido sobre elas segurarem a bola. Nesse momento, o aluno Geraldo passa por eles e um diz para ele: “Ta engraçado aqui” e o Geraldo falou para ele: “cala a boca”.

Após o fim do jogo das meninas, a professora selecionou alguns meninos e os colocou para jogar. 3 meninas que estavam na arquibancada ficaram torcendo para alguns meninos de um dos times, como cheerleaders em um jogo universitário. Ficaram dançando e gritando quando algum deles pegava a bola. Quando o time pontuou, vibraram mais que os integrantes do time. Essa segunda partida terminou em 1 a 0.

Um aluno passou a partida toda reclamando dos colegas, pedindo a bola (e recebendo-a) e tentando resolver o jogo sozinho. Quando algum colega lhe pedia a bola ou lhe avisava que estava em posição para receber, ele ignorava.

Após isso, houve mais um jogo das meninas.

Nesse jogo, a Eduarda agiu de maneira semelhante ao Nicolas, porém, sem reclamar do resto do time. Ela pedia a bola constantemente e sempre tentava arremessar, mesmo fora de posição. Ainda que a professora orientou sobre as marcações, ao invés de marcar por zona, como havia sido instruída, a aluna corria atrás da bola quando seu time não tinha a posse, tentava marcar qualquer uma que estava com a bola.

4 meninos ficaram torcendo por um dos times das meninas, um deles era o Geraldo.

Geraldo agia como se fosse treinador do time, e em um momento seus colegas passaram a chama-lo de “tite”

Nesse jogo das meninas, a professora entrou para jogar em um dos times no final da partida. Em um momento, arremessou a bola de maneira bem veloz para o gol, e a

menina que estava defendendo (Noêmia) conseguiu defender. A menina foi ovacionada pelo time (meninas) e pela torcida (meninos).

O último jogo foi dos meninos, e contou com a participação de todos (dois times de 9, sendo 8 na linha e um no gol). Esse jogo terminou 3 a 2.

|

7.2. Respostas dos alunos às perguntas da entrevista

Entrevista 1- Amadeu 11 anos

1 -

Não

2-

Sim

3-

Sim, alguns são mais motivados e outros são menos.

4-

Incluído. E: Por que? A: Porque eu participo bastante.

5-

Sim. Porque Educação Física é esporte, e eu gosto de esporte.

6-

A: Existem. Porque tem umas que eu consigo fazer, outras eu já não sei.

E: Algumas você consegue e algumas você tem dificuldade?

A: Sim

7-

A: Não, todo mundo participa.

E: Todo mundo participa igual?

A: Sim

E: Não importa se é menino ou se é menina?

A: Não, não importa.

Entrevista 2 - Horário- 12 anos

1 -

H: Sim.

E: Por que?

H: Alguns são mais competitivos, gostam de se sobrepor.

E: Como assim?

H: Um dia a gente tava jogando futebol, e ficaram gritando “ah, você é ruim” para os colegas, e essas coisas. Isso é competitividade.

E: Entendi, ficam zombando dos outros por jogar melhor?

H: É, mas nunca vi agressão por causa disso.

E: Nunca viu agressão física, mas já viu xingar?

H: É, já vi xingar..Porque todo mundo já xingou alguém no futebol, vai.

2-

H: Sim. Alguns alunos, a minoria fica parada, falando que a aula ta chata, ficam falando que a aula está chata e andando de um lado pro outro, na aula de queimada, por exemplo. E tem uma menina que tem problema na coluna que não pode participar

E: E quantos são, mais ou menos?

H: Uns 4 ou 5. Mas isso varia, porque em alguns momentos eles não gostam do esporte.

3-

H: Quase nunca vi ninguém desmotivado na aula de EF, isso depende do dia.

4-

H: Me vejo incluído.

5-

H: Sim. Eu gosto de EF desde o primeiro ano. Não é só por causa da quadra, porque ensina corpo humano, e eu sempre gostei bastante de estudar o corpo humano.

6-

H: Eu gosto de jogar mais voleibol. Não sei por que algumas me agradam mais que as outras.

7-

H: Sim.

E: Por que?

H: Por causa das capacidades físicas.

E: Como assim?

H: Na aula prática alguns ficam mais cansados. Alguns tem asma, sinusite, etc. Não sei quem se desenvolve mais, se são as meninas ou os meninos.

E: Mas você acredita que, em geral, os meninos e as meninas participam de maneira diferente?

H: Os meninos são mais competitivos, as meninas são mais “suave”, não ligam tanto para pontuação. Acho que elas não ligam tanto, pelo o que eu vejo.

Entrevista 3 - Hugo - 12 anos

1 -

Sim, porque cada um tem seu estilo, algumas pessoas são mais inquietas, outras são mais na dela. Os alunos são diferentes, cada um tem seu jeito.

2-

Sim, tem gente que participa quase de todas as aulas, tem gente que não gosta de nenhuma.

3-

H:Eu acho que sim, porque tem aluno que sai da aula mais feliz, aí vai pra outra aula e acaba com a motivação da pessoa.

E: E nas aulas de Educação Física?

H: A maioria se sente bem motivada. Mas quando ela fala que não vai ter quadra isso acaba com a motivação da turma.

4-

Me vejo incluído. Não sei explicar por quê.

5-

Sim. Por que é uma matéria que eu gosto.

6-

Não, eu gosto igual de todas.

7-

Não. Alguns meninos têm habilidades a mais, só isso.

Entrevista 4 - Matilda 11 anos

1 -

Acho que sim, porque alguns fazem direito e outros não.

2-

Sim. Tem alguns que as vezes ficam de castigo por fazer algo errado. Tem uma menina que tem problema nas costas e não participa

3-

Não, todos querem participar da aula.

4-

Me vejo incluída. É uma matéria das minhas preferidas, e também eu posso brincar em casa com o que a professora ensina e mostrar o que ela ensinou pros meus colegas que não estudam aqui.

E: Por que é uma das suas preferidas?

M: Porque eu gosto muito de esporte. Eu já participei de competições, então eu gosto.

E: Competições de que?

M: Vôlei

5-

Sim. Porque eu gosto de esporte.

6-

M: Sim, eu gosto mais de pega pega, pula corda, queimada e vôlei. Porque algumas eu sei jogar e outras não.

E: E sobre essas que você não sabe jogar, você acredita que quando aprender a jogar você vai passar a gostar?

M: Sim.

7-

Não. Acho que participam todos do mesmo jeito.

Entrevista 5 - Jorge 12 anos

1 -

J: Com certeza. Quando a gente realiza uma atividade cada um pode participar de um jeito diferente, quando a gente joga futebol cada um tem um jeito diferente de manusear a bola.

E: Mas isso que você falou é sobre o nível de habilidade, quer dizer que alguns jogam um pouco melhor e outros não jogam tão bem, certo?

J: Sim

E: Mas você acredita que cada um tem um estilo? Por exemplo: Dois alunos jogam um tão bem quanto o outro, sabem driblar, chutar do mesmo jeito, mas eles têm estilos diferentes de participar da aula?

J: Tem alunos que falam mais na aula, tiram mais dúvidas, levantam mais a mão. Agora tem alguns, que nem eu, que ficam mais quietos.

2-

J: Sim. Com certeza, como eu falei, tem alguns que tiram mais dúvidas e alguns que colocam mais dúvidas. Eu fico na minha e tento resolver sozinho. Eu resolvo sozinho porque eu gosto de aprender com meus erros para quando eu tiver um problema eu vou aprender mais resolvendo sozinho.

3-

J: Eu acho que sim, porque tem alunos que dependendo da aula se sentem mais à vontade pra jogar vôlei, por exemplo, quando a professora falou que podia misturar meninos com meninas pra jogar qualquer tipo de esporte que ela liberou, eu fiquei feliz porque ia jogar vôlei.

E: E antes os meninos não jogavam vôlei?

J: Naquela aula eu tive que pedir pra professora, fui tirar uma dúvida com ela, porque eu não gosto de jogar futebol.

E: Então foi a partir dessa aula que passaram a misturar meninos com meninas?

J: Sim

E: E você acredita que isso foi bom?

J: Sim

4-

Eu me vejo incluído, não só porque eu participo das aulas, mas também porque eu convivo com as pessoas, dou exemplos de como fazer as coisas e dou dicas de algumas coisas para fazer. Também tiro dúvidas.

5-

J: Sim, porque querendo ou não é mais uma aula, e aula é motivo pra aprender uma coisa diferentes. Querendo ou não, a minha fonte de conhecimento é diferente na EF e em português. Em todas as aulas eu me sinto motivado.

6-

Tem algumas atividades que eu não gosto tanto, outras eu gosto mais. Mesmo assim eu gosto de todas as aulas porque mesmo que a atividade é chata, é uma oportunidade de aprender.

7-

Não, porque independentemente do sexo, tem pessoas que se comportam da mesma forma que outras.

E: E outras não?

J: Existem pessoas mais e menos participativas. Geralmente os meninos são participativos, mas tem meninas que se destacam das aulas. Isso muda de atividade pra outra, dependendo da ativ. Então eu não vejo muita diferença.

E: Então geralmente a maioria dos meninos participa mais que as meninas?

J: Os meninos ou meninas têm conhecimentos diferentes, dependendo do conteúdo. Por exemplo: se a professora faz uma pergunta sobre a Olimpíada, eu fico quieto, porque não sei nada sobre esportes. Eu acho que a única diferença que tem é no comportamento, mas em relação à participação, todos são iguais. Por exemplo: quando a profa. dá uma aula prática, o comportamento pode ser diferente da teórica. Isso dá pra ver melhor na prática.

Entrevista 6 - Evaristo 11 anos

1-

Ev: Sim. Porque cada um tem seu jeito de fazer a aula. Por exemplo: eu lembro que a professora deu um exemplo falando da postura. As pessoas normalmente carregam as coisas de jeitos diferentes.

E: Esse exemplo que você deu, seria o mesmo que falar: Fulano chuta com o pé direito ou esquerdo, com mais ou menos força, certo?

Ev: Sim

E: Eu quero saber se você acha que seus colegas têm jeitos diferentes de participar, por exemplo: Conversam mais ou conversam menos, ajudam os colegas ou os excluem.

Ev: Sim, tem uns que são mais tímidos e quietos, outros não têm timidez e falam bastante, interagem mais, e alguns que não gostam da pessoa e não falam com ela.

E: Então excluem o colega por não gostar dele?

Ev: Sim

2-

Sim. Alguns por serem tímidos e alguns por problemas físicos.

3-

Sim. Alguns alunos gostam mais de EF que outros, alguns gostam mais da profa. Que outros e já ficam mais motivados pra aulas. Eles se desmotivam mais quando a aula é teórica. Quando é prática, todo mundo se sente motivado.

4-

Incluído. A professora não deixa ninguém de lado, só fica de lado quem não quer participar mesmo ou tem algum problema físico, como uma menina que tem problema na coluna.

5-

Sim. Porque eu eu gosto das aulas dela.

6-

Sim. Algumas são meio monótonas e entediantes, outras são mais interativas.

7-

Sim, algumas meninas jogam melhor que os meninos, alguns meninos jogam melhor que as meninas, depende da atividade. Os meninos costumam se envolver mais na atividade do que as meninas, são mais competitivos. A maioria das atividades sempre tem alguma pessoa que participa igual à outra, mesmo sendo do gênero oposto.

Entrevista 7 - Noêmia 11 anos

1-

N: Sim, porque às vezes um tem mais habilidade no esporte do que outro, e outro já é mais ágil... Aí são essas diferenças que eu vejo na aula

E: Você disse sobre diferença de nível de habilidade, certo?

N: Sim

E: Eu quero saber se há diferença na maneira como o aluno participa, Existem alguns que se envolvem mais, alguns que se envolvem menos, os que são mais, ou menos tímidos; os que respeitam mais os colegas e os que desrespeitam?

N: Sim, tem aluno que não gosta da EF, aí fica lá sentado tem aluno que gosta mais de participar, é diferente.

2-

Sim

3-

N: Sim, como eu disse, tem os que gostam mais e os que gostam menos

E: Mas por que você acha que isso acontece?

N: Ah, os que gostam mais acho que é porque gostam de esporte, e os que gostam menos é porque cansa, não sei.

4-

N:Incluída. Porque eu gosto bastante da aula e a professora sempre inclui todo mundo, eu nunca me vi deixada de lado

E:Você acha que alguém se vê deixado de lado?

N:Acho que não

5-

Sim. Eu gosto bastante das aulas e eu sempre gostei da Educação Física, desde pequenininha

6-

N:Algumas eu gosto mais porque tenho mais habilidade, outras eu não gosto muito porque eu não consigo fazer e tenho menos habilidade que nas outras

E:Nessas que não gosta muito, ou não tem nenhuma habilidade você se sente incluída?

N:Sim

7-

N:Eu acho que não, porque tem meninas que jogam até melhor que os meninos, acho que isso não faz diferença.

E:E sobre se envolver na aula, respeitar os colegas, ninguém é desrespeitado por ser menino ou menina?

N:Ah, sim. Tem meninos que zoam as meninas porque são meninas e estão fazendo aquela atividade. E na sala também tem meninas que zoam os meninos por praticarem esportes de menina. Se o menino joga vôlei e a menina futebol por exemplo...ficam falando pro menino “ah você é menina” ou ficam falando pra menina “você é mulher-macho” e coisas assim

E:E a professora não viu isso? Eles fazem escondido?

N:Não, a gente fala para a professora e ela fala que não tem problema, que é pra ignorar, pra relevar...aí dá uma bronca e é isso

E:E são muito meninos ou é só uma parte dele?

N:Não, são só alguns, a maioria dos meninos é bacana.

E:E dentro do jogo, vocês estão jogando futebol por exemplo..Os meninos ficam com a bola só para eles?

N:Sim, até no futebol que a gente jogou, os meninos tavam vindo atrás da bola, empurravam a gente, tiravam a bola até de quem era do mesmo time. Eles batiam, chegavam dando cotovelada, as vezes.

Entrevista 8 - Amélia 11 anos

1-

A: Alguns têm, porque uns agem diferente, por exemplo o nicolas, quando a profa. Fala pra ele parar ele não para, rouba a bola até de quem é do time dele, não sabe jogar direito.

E: E você acha que existem alunos que respeitam mais os colegas e outros menos, outros se envolvem mais e uns se envolvem menos com a aula?

A: Acho que alguns se sentem menos à vontade, porque quando acaba a aula de EF eles falam que não gostaram da aula, já outros falam que foi boa e querem fazer relatório.

2-

Não, todo mundo participa da aula, menos a menina que tem problema na coluna, e o Richard, que às vezes joga e às vezes não.

3-

A: Tem vários alunos que gostam da EF e da matéria que a profa. Passa.

E: E outros que não gostam?

A: Sim

4-

A: Deixada de lado, porque quando a professora fala pra tirar time, eu sempre fico por último para ser escolhida.

E: E por que você acha que isso acontece?

A: Acho que eu não tenho intimidade com os outros alunos, aí eles escolhem outra pessoa

E: E isso sempre acontece?

A: Não, só as vezes

E: E na sala de aula?

A: Às vezes eu converso bastante, as vezes eu fico mais na minha

E: Então seus colegas te respeitam?

A: Agora sim, não fazem mais “bullying”. Quando eu cortei o cabelo, eles vinham, perguntavam meu nome, eu falava e eles saíam dando risada.

E: E isso não acontece mais?

A: Não, eu não ligo mais também

5-

Sim, eu gosto muito. Meu Projeto de Vida é ser jogadora de futebol.

6-

Não, gosto de todas.

7-

Não, A professora fala que a gente tem que jogar todos juntos, todo mundo é igual. Nós agimos todo mundo do mesmo jeito, todo mundo se respeita.

Entrevista 9 - Romeu 11 anos

1-

Não, todos participam igual.

2-

Não.

3-

Sim.

4-

Incluído. Eu me dou bem com os colegas

5-

Sim, eu gosto. Pelo meu PV, que é jogador de futebol e youtuber.

6-

Sim, porque eu entendo um pouco mais de futebol, por exemplo.

7-

Não, todo mundo participa de maneira igual.

Entrevista 10 - Natalia 12 anos

1-

N:Sim, porque por exemplo, uns conversam com a profa. Mas participam da aula com a professora, e não com os colegas. Eu, por exemplo, participo da aula com a professora e com os colegas, falando pra ela e para todo mundo, porque a minha duvida pode ser a mesma que de outra pessoa.

E: E na aula prática, há alunos que se envolvem mais e menos com a aula, aqueles que respeitam e os que desrespeitam?

N:Sim, os alunos ficam com muito medo de serem “zoados” se errarem, com medo do que as outras pessoas vão falar. De serem julgados. Por exemplo: Fulano errou a bola então ele é ruim.

E:Qual é o estilo/ perfil dos alunos que fazem mais isso?

N:Geralmente são os meninos que zoam as meninas, ou outros meninos.

2-

N:Sim, porque tem alguns que são mais tímidos, e as vezes eles não têm vontade de falar, têm medo de errar alguma questão, geralmente a gente tem medo dos professores. Mas também tem aluno que não participa porque está conversando.

E:Na aula prática?

N:Ah, também, mas na aula prática a gente tem mais chance de não errar do que de errar uma pergunta, ou de responder algo que professora perguntou

3-

N:Sim, tem alunos que ficam com vergonha, porque sabem que os colegas vão zoar. Mas se a professora vê ela dá bronca, eles fazem escondido...

4-

Incluída, eu consigo participar bem, caso acontece alguma coisa eu falo com a professora, mas é difícil.

5-

Sim. Porque Educação Física é esporte, e eu gosto de esporte.

6-

N:Sim, por causa da habilidade, porque eu gosto mais das que eu jogo melhor,

E:As que você não domina muito você não gosta?

N:Isso

7-

N:Sim, a menina tem mais medo de ser excluída, de ser julgada, as meninas se intimidam, não falam com a professora. Os meninos são mais abertos, confiantes, isso intimida um pouco as meninas as vezes.

E:Isso muda de uma atividade pra outra?

N:Não

E:Em todas é a mesma coisa?

N:Sim

E: E isso é mais fácil de se ver na prática do que na teórica?

N: Sim, mas não é culpa da professora, sabe? Na maioria das vezes ela não vê, porque tem muita gente na sala. Não é culpa do aluno que tem medo, é culpa do aluno que zoa o outro. Ele não pode zoar a pessoa, vai que fosse ele naquela situação.

Entrevista 11 - Leopoldo - 12 anos

1-

L: Eu acho que sim, há pessoas que participam por participar porque gostam de brincar na quadra e na sala não participam porque não gostam.

E: E por que eles gostam na quadra e na sala não? Porque na quadra podem brincar e na sala não?

L: Sim

E: Então eles não vêm a Educação Física como um lugar para aprender, e sim para brincar?

L: Sim

E: Isso que você falou é sobre o quanto a pessoa participa, mas você acha que os alunos participam de jeitos diferentes? Por exemplo: Os que respeitam mais os colegas, os que respeitam menos os colegas; ou que falam mais ou falam menos

L: Sim, acho que cada um tem seu jeito

2-

Sim

3-

L: Sim, mas acho que a maioria não gosta da aula em sala.

E: Você acha que a motivação em quadra é maior que em sala?

L: Sim, porque eles podem jogar futebol, vôlei, queimada...

4-

L: Incluído, na sala eu não converso e faço as lições que ela pede, e na quadra também

E: Você vê que consegue participar das atividades com seus colegas, não é deixado de lado?

L:Não

E:E você acredita que há pessoas, sem citar nomes, que não conseguem se sentir incluídas nas aulas de Educação Física?

L:Acho que não, todo mundo participa

5-

Sim

6-

L:Sim, eu gosto mais quando é em quadra, quando é em sala eu não gosto. Na sala tem que ficar escrevendo, aí cansa

E:E isso muda, nas atividades em quadra, de uma atividade para outra?

L:Sim, por exemplo, futebol eu gosto mais, queimada eu não gosto muito

E:E por que isso acontece?

L:Porque futebol eu sempre joguei, desde pequeno, então eu sei jogar e gosto mais. Queimada eu quase nunca joguei.

7-

L:Eu acho que sim, tem menina que fala que futebol é coisa de garoto e não quer jogar. Mas tem menina que quer jogar futebol, aí a gente deixa

E:E essa menina que quer jogar futebol? Alguém fala algo do tipo para ela? Que ela é “machona”, ou algo do tipo?

L:Não

E:E se um menino quiser jogar vôlei?

L:Elas deixam, ninguém fala nada

E:E você acha que de uma atividade pra outra, as meninas e os meninos participam de jeitos diferentes?

L:Eu acho que sim, no dia que ela deu aula livre, que na quadra coberta ficou o futebol, aqui (estávamos na quadra ao ar livre destinada ao voleibol) ficou um monte de menina, só 3 meninas foram jogar futebol com a gente.

Entrevista 12 - Thiago 11 anos

1-

T:Sim. Porque cada um tem um jeito de brincar, tem uns que sabem mais e outros que não.

E:Mas esses que sabem mais, como eles tratam os colegas que não vão tão bem?

T:Acho que eles tratam todo mundo igual, mas tem vezes ou outras que não.

2-

Todo mundo participa igual

3-

T:Sim, dependendo da atividade, alguns ficam mais motivados e outros menos

E:Pode dar um exemplo?

T:No futebol, os meninos ficam mais motivados pra jogar que as meninas

E:Mas as meninas ficam de canto ou elas tentam?

T:Elas tentam

E:Mas os meninos deixam elas jogarem?

T:Sim

4-

Me sinto incluído

5-

Sim, em todas as aulas.

6-

Não, eu gosto de todas igual

7-

T:Não.

E:Você acha que as meninas e os meninos participam de jeitos parecidos?

T:Sim

8. Apêndice

8.1 Termo de Assentimento Livre e Esclarecido aos Responsáveis

O menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Uma análise sobre os padrões de participação nas aulas de Educação Física”. O projeto de pesquisa faz parte de uma Monografia em Licenciatura em Educação Física pelo

O objetivo geral deste estudo consistiu em verificar quais os padrões de participação se apresentam em aulas de Educação Física em uma turma de 6º ano, a depender da prática corporal ou do conteúdo que está sendo trabalhado. Comparar também a percepção do observador com a dos alunos sobre a ocorrência ou não de diferentes estilos de participação nas aulas. Caso você autorize, seu filho irá, juntamente com os resto da turma, ser observado em aula pelo(s) pesquisador(es) que anotarão informações sobre o funcionamento interno da atividade e como as crianças participam da aula. Ele também poderá participar de uma entrevista semi-estruturada.

A participação dele(a) não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que ele estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele(a), porém se ele(a) sentir qualquer tipo de desconforto com alguma pergunta, poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com o pesquisador sobre o assunto.

O(A) senhor(a) e o menor de idade pelo qual é responsável não receberão remuneração pela participação. A participação dele(a) poderá contribuir para uma melhor compreensão sobre a Educação Física escolar. As suas respostas não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação e sua identidade será mantida totalmente em sigilo. Os resultados advindos do desenvolvimento desse projeto de pesquisa poderão ser divulgados em eventos acadêmicos, revistas e trabalhos científicos. Além disso, o(a) senhor(a) está recebendo uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Em caso de dúvidas acerca do desenvolvimento do projeto e o envolvimento do menor de idade pelo qual você é responsável, sinta-se à vontade para entrar em contato pelo telefone (16) 9 9768 7664 ou pelo email gabriel.bergamim33@gmail.com

ASSENTIMENTO

Eu, _____ (colocar o nome legível do pai/mãe/responsável/cuidador) declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor de idade pelo qual sou responsável, _____ (colocar o nome do menor), sendo que:

() aceito que ele(a) participe () não aceito que ele(a) participe

São Carlos, de de 2018

Assinatura